

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

RAUL DIAS GODINHO

A HISTÓRIA PARA OS INTEGRALISTAS: OS GRANDES HOMENS E
SEUS GRANDES FEITOS NAS PÁGINAS DA REVISTA *ANAUÊ!* (1935-
1937)

PORTO ALEGRE, JANEIRO DE 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

RAUL DIAS GODINHO

A HISTÓRIA PARA OS INTEGRALISTAS: OS GRANDES HOMENS E
SEUS GRANDES FEITOS NAS PÁGINAS DA REVISTA *ANAUÊ!* (1935-
1937)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciado em História pelo curso de História da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientado por: Carla Brandalise.

PORTO ALEGRE, JANEIRO DE 2020

*And so I thank the soviets and the mighty chinese vets
And the allies in the whole wide world around
To the battling british, thanks, you can have ten million yanks
If it takes them to tear the fascists down*

Woody Guthrie

Agradecimentos

Chego ao final da minha graduação e deste trabalho de conclusão de curso com a felicidade de não me faltarem pessoas a quem agradecer pelas mais variadas ajudas e apoios que recebi em meus oito semestres de UFRGS e em minha vida antes do curso de História. Além dos privilégios sociais e econômicos com que contei para poder fazer rapidamente minha graduação, o meu principal privilégio, certamente, foi o de contar com tantas pessoas que se preocupam comigo e que guardam (ou guardaram em algum momento) alguma forma de carinho por mim. Tenho certeza de que não vou conseguir agradecer a absolutamente todo mundo que (talvez) mereça uma menção por aqui, mas tentarei fazer o meu melhor mesmo assim.

Começo com o clichê de agradecer primeiro aos meus familiares mais próximos. Minha mãe pelo cuidado que sempre dedicou a mim e que tem se redobrado desde que meu tema de pesquisa ganhou contornos reais em nosso país e o medo de exercer a nossa profissão me abateu em muitos momentos. Meu pai por ter sido o primeiro a me instigar a pesquisar sobre fascismo e ter me dado meus primeiros livros sobre Integralismo e me introduzir ao assunto com o mesmo entusiasmo que ele apresenta para quase qualquer loucura que eu decida inventar. Minha tia e madrinha Ana por muito ter me ajudado a me adaptar à UFRGS e a um novo mundo em que eu não tinha mais o vô Antônio. Por fim, mesmo que ela já não consiga mais ler esse TCC ou entender que estou me formando, agradeço com destaque especial à minha avó Eva porque foram suas histórias sobre a Alemanha que desde pequeno me ensinaram a odiar Hitler e o nazismo.

Gostaria de agradecer aos meus amigos de um modo geral, àqueles que a UFRGS e a História colocaram em minha vida, àqueles que conheci nos meus longos anos no colégio e àqueles que acabaram chegando de formas diferentes que já nem lembro mais. Mas não poderia deixar de destacar alguns nominalmente porque tiveram especial importância para que eu sobrevivesse às dificuldades que a vida colocou na minha frente.

Obrigado, André, por ter seguido sendo meu amigo apesar de eu esquecer de te encontrar no RU às vezes e por sempre alegrar o meu dia-a-dia com teus memes e figurinhas. Obrigado, Georgia, por ser minha amiga há mais anos do que seria recomendado alguém precisar conviver com minhas loucuras e mesmo assim não desistir de mim. Obrigado, Mariana, por ter me ajudado em praticamente todos os trabalhos e provas que precisei fazer no Departamento de História, se não fosse por ti, talvez, eu não chegasse nem ao fim do primeiro ano de curso.

Obrigado, Marthina, por ter feito tanto para ajudar na elaboração dessa pesquisa (mesmo nem se interessando por Integralismo) e por ter se provado um porto seguro de amizade e confiança para me ajudar a sobreviver a esse estressante último semestre de graduação. E, por fim (mas apenas porque escolhi seguir a ordem alfabética nesses agradecimentos individuais), obrigado, Surya, por absolutamente tudo que tua amizade me traz desde 2012, as risadas, os choros, os jogos do Grêmio, os shows, e, principalmente, por eu saber que posso contar contigo sempre que eu precisar.

Agradeço, também, à professora Carla Brandalise pela orientação deste trabalho e à professora Mara Rodrigues e ao Clayton Hackenhaar pelas indicações ainda na elaboração de meu projeto de pesquisa que deu origem a esta monografia. E deixo meu agradecimento aos meus professores de um modo geral, os da UFRGS e os do Salvador, devo muito de minha leitura de mundo e minhas concepções de História e de Educação às aulas e à convivência que tive com eles.

Agora sim, para encerrar, agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul e à Educação Pública do Brasil que me permitiram realizar meu sonho de me formar professor de História em uma instituição de excelência com colegas de diferentes classes, raças, orientações sexuais e opiniões políticas. Espero que um dia todos possam usufruir do mesmo direito que eu e ter acesso ao ensino superior de qualidade, universal e gratuito da rede federal.

RESUMO

Este trabalho pretende estudar de que forma a escolha de heróis nacionais dos integralistas se relaciona com a constituição ideológica do Integralismo. Para isso, foram consultados vinte e um exemplares da principal revista ilustrada integralista (a *Anauê!* que circulou entre janeiro de 1935 e dezembro de 1937) e selecionou-se os materiais que, de diferentes maneiras, apresentavam aos leitores heróis nacionais. Utilizando-se desse conjunto de fontes, o conteúdo do periódico foi estudado através da compreensão de Plínio Salgado sobre a sua ideologia a partir de três grupos principais de grandes homens: os fundadores da nação, os grandes vultos e os mártires do Integralismo.

Palavras-chave: Integralismo, Imprensa Integralista, Plínio Salgado, Heróis Nacionais.

ABSTRACT

This paper propose to study how the choice of national heroes of integralists relates to the ideological constitution of Integralismo. Twenty-one copies of the main integralist illustrated magazine (*Anauê!*, which circulated between January 1935 and December 1937) were consulted and the materials that in a way were presenting to readers as national heroes were selected. From this set of sources, the content of the journal was studied relating it with Plínio Salgado's understanding of his ideology. For this, three main groups of national heroes were created: the founders of the nation, the great men and the martyrs of Integralismo.

Key-words: Integralismo, Integralist Press, Plínio Salgado, National Heroes.

Lista de Abreviaturas

AIB – Ação Integralista Brasileira

AIPB – Ação Patrianovista Brasileira

ANL – Aliança Nacional Libertadora

SEP – Sociedade de Estudos Paulistas

Lista de quadros

Quadro 1 – Distribuição geral dos Fundadores da Nação.....	Página 17
Quadro 2 – Distribuição geral dos Heróis Nacionais.....	Página 34
Quadro 3 – Distribuição dos Heróis Coloniais.....	Página 38
Quadro 4 – Distribuição dos Heróis Coloniais.....	Página 47
Quadro 5 – Distribuição dos Heróis da República.....	Página 56
Quadro 6 – Distribuição geral dos Mártires do Integralismo.....	Página 62

Lista de figuras

Figura 1 – Capa <i>Anauê!</i> n° 9.....	Página 24
Figura 2 – Bandeirantes do Século XX	Página 28
Figura 3 – Mosaico Padre Anchieta	Página 38
Figura 4 – Estátua Anhanguera	Página 40
Figura 5 – Capa <i>Anauê!</i> n° 20.....	Página 47
Figura 6 – Monumento a Ramos de Azevedo	Página 59
Figura 7 – Nossos Martyres	Página 69
Figura 8 – Bahia Heroica	Página 73

Índice

Introdução.....	Página 12
Capítulo 1 – Os Fundadores da Nação.....	Página 16
1.1 – Explorando quantitativamente o material.....	Página 16
1.2 – A contradição entre litoral e interior para Plínio Salgado.....	Página 18
1.3 – Um Brasil indefeso à mercê dos interesses internacionais.....	Página 22
1.4 – O vigor físico e o embate contra a natureza na formação do Espírito brasileiro: a importância do bandeirante na formação nacional.....	Página 26
Capítulo 2 – Os Grandes Vultos da História Nacional.....	Página 31
2.1 – A imprensa formativa e a importância dos heróis como exemplos de vida para Plínio Salgado.....	Página 31
2.2 – Explorando quantitativamente o material.....	Página 34
2.3 – Os heróis do período colonial: entre bandeirantes e insurgentes.....	Página 37
2.4 – Os heróis do Império: a consolidação do Brasil a partir dos Imperadores e do Exército Brasileiro.....	Página 47
2.5 – Os heróis do período republicano: a aproximação entre integralistas e Getúlio Vargas antes do golpe do Estado Novo.....	Página 56
Capítulo 3 – Os Mártires do Integralismo.....	Página 61
3.1 – Explorando quantitativamente o material.....	Página 62
3.2 – Os heróis que barraram o Levante Comunista.....	Página 64
3.3 – Os mártires como exemplos e a Milícia do Além.....	Página 67
3.4 – O discurso anticomunista na apresentação dos mártires integralistas.....	Página 71
Considerações finais.....	Página 75
Bibliografia.....	Página 77

Introdução

A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi o maior e principal movimento de extrema direita no Brasil e na América Latina como um todo na década de 1930 e é considerada por diversos pesquisadores como o único exemplo de um fascismo brasileiro, mobilizando milhares de militantes e agitando a vida política do país durante seus anos de atuação. Os estudos acadêmicos brasileiros sobre o Integralismo se dinamizam no início na década de 1970, com a publicação da tese de doutorado de Hélió Trindade em 1971, e as consequentes “respostas” elaboradas à sua obra. Pode-se dizer que esse momento de pesquisas “reflete a discussão sobre o caráter ‘mimético’ ou não do Integralismo, sobre a possibilidade de classificá-lo entre os fascismos” (GERTZ, 2016, p. 29). Para além desse primeiro período, com discussões mais voltadas para questões ideológicas e conceituais da AIB, Rodrigo Santos de Oliveira, em sua dissertação de mestrado (2004), aponta a existência de mais duas fases da produção de conhecimento acadêmico sobre a AIB. A segunda fase teria se iniciado com os estudos de René Gertz sobre o Integralismo nas regiões de imigração alemã no sul do Brasil, e foi marcada pelo crescimento da produção sobre o tema especialmente com foco em estudos regionais. A terceira fase – e, certamente, aquela em que este Trabalho de Conclusão de Curso se insere – começa a se constituir nos anos 1990 e é assim descrita por Rodrigo Santos de Oliveira:

Essa terceira “fase” tem buscado dar conta de uma série de temas que possuíam um papel marginal nas discussões iniciais e passaram a ter relevância, cujo estudo nos permite compreender de formas mais clara o funcionamento do integralismo: o militante de base ganhou voz, a mulher integralista também, a intervenção do integralismo junto à sociedade passou a ter relevância, os símbolos e os ritos passaram a ser estudados, integralismo no pós-guerra se tornou objeto de estudo, o combate aos inimigos do integralismo também e assim por diante (OLIVEIRA, 2004, p. 42).

Além dos temas indicados, também é possível ver a imprensa se tornando objeto de estudo para os pesquisadores, como em um dos capítulos da tese de doutorado de Rosa Cavalari (1999) em que a autora analisa a imprensa integralista para entender a organização e estrutura interna do partido; na tese de doutorado do próprio Rodrigo Oliveira (2009) sobre o papel militante da imprensa para a AIB; na tese de doutorado de Rodolfo Fiouricci (2014) sobre a trajetória e o conteúdo da revista *Anauê!* e em tantos outros artigos, dissertações e trabalhos de conclusão de curso que serão, ou não, referenciados no decorrer deste trabalho. E sob um horizonte de novas fontes e novas perspectivas para entender o Integralismo para além de uma simples classificação da ideologia enquanto “fascista ou não fascista”, é que este TCC pretende se inserir e contribuir para os estudos sobre a AIB e a extrema direita no Brasil e no mundo.

A partir da análise vinte e um dos vinte e dois números da revista *Anauê!*¹, pretende-se analisar como os supostos heróis nacionais presentes nas páginas do periódico se relacionam com a visão dos integralistas sobre História. A revista, ilustrada, que circulou entre janeiro de 1935 e dezembro de 1937, constituiu a principal empreitada em termos de imprensa do Integralismo. Ela pretendia ampliar o eleitorado do partido atingindo novos leitores com um conteúdo mais diversificado e impressão de maior qualidade, e também almejava impedir que os militantes já filiados às ideias integralistas fossem seduzidos pelas revistas da “imprensa liberal”. O contato com esse material de pesquisa foi de fácil acesso, pois encontra-se disponível no arquivo Delfos na PUCRS. Ao mesmo tempo, a compreensão do presente problema de pesquisa recebeu igualmente o aporte da leitura de diversos trabalhos já elaborados sobre a imprensa integralista, em seus objetivos, formatação e influências.

As concepções de História dos integralistas utilizadas neste trabalho estarão baseadas majoritariamente na visão de Plínio Salgado² e do que for explicitado nas próprias fontes analisadas, embora compreenda-se os problemas de se encarar o Integralismo como uma ideologia monolítica. Essa escolha por focar primordialmente na produção intelectual de Salgado se deu por duas razões: a falta de tempo hábil para conseguir compreender com a profundidade necessária as ideias de outros importantes pensadores integralistas em um único semestre letivo; e pela função que a imprensa tinha de unificar as diferentes interpretações das intelectualidades do partido e a forma como essa visão “uniformizada” e “coerente” presente nos jornais e revistas seguia “um padrão bem definido, principalmente em torno de Plínio Salgado e nas obras de definição do integralismo entre 1933 e 34” (OLIVEIRA, 2009, p. 257).

Como metodologia para estudar a *Anauê!* e os heróis nacionais representados e homenageados em suas páginas, optou-se pela Análise de Conteúdo esquematizada por Laurence Bardin (1977) em um molde inspirado no que Rodrigo Santos de Oliveira adotou em seu doutorado para analisar o jornal *A Offensiva*, todavia adaptando-se às necessidades da *Anauê!* e dos problemas deste trabalho em específico. Afinal, “a técnica de análise de conteúdo

¹ Não foi possível analisar o número 19, pois não se encontrava no arquivo pesquisado, nem em qualquer um dos arquivos de outros estados com material online.

² Neste trabalho, sua produção teórica não será abordada, mas é necessário apontar a relevância de s Gustavo Barroso e Miguel Reale para a constituição ideológica da AIB, pois, junto das de Salgado, foram suas obras que estabeleceram os preceitos básicos da doutrina integralista nos primeiros anos de atuação do movimento. Além disso, eles também dividiam protagonismo enquanto “rostos” do movimento e disputaram a liderança do partido antes de Salgado se consolidar enquanto Chefe Nacional. Em possíveis desdobramentos futuros desta pesquisa, não parece possível nem prudente prosseguir com discussões teóricas sobre o Integralismo sem trabalhar conjuntamente as principais lideranças do Sigma.

adequada ao domínio e ao objectivo pretendidos, tem que ser reinventada a cada momento” (BARDIN, 1977, p. 30-31).

Sendo assim, em primeiro lugar, realizou-se uma “leitura flutuante” dos vinte e um volumes a que se teve acesso para a pesquisa, selecionando todas as capas, matérias e fotografias que se relacionassem à visão dos integralistas sobre História e seus Grandes Homens e Grandes Feitos. A partir desse grande conjunto de páginas da *Anauê!*, selecionou-se aquelas que abordassem diretamente figuras fundamentais para história nacional na visão dos integralistas. Por fim, com esse conjunto reduzido, mas ainda extenso, foi possível perceber três padrões bastante claros dentre os heróis presentes na *Anauê!*: os coletivos sociais ou étnicos que tiveram papel importante na fundação do Brasil, os grandes vultos da história nacional (os Grandes Homens e seus Grandes Feitos em seu maior esplendor) e os militantes integralistas e soldados brasileiros que acabaram morrendo lutando pelo Integralismo e contra o comunismo.

A partir da leitura de Bardin e da utilização de sua metodologia por Rodrigo Santos de Oliveira (2009) pretende-se aliar elementos das análises quantitativas a uma análise qualitativa mais detalhada e atenta aos discursos históricos presentes na *Anauê!*. Para isso, constituiu-se tabelas sobre esses diferentes conjuntos de fontes reunindo dados gerais sobre os heróis a serem estudados. Foram criadas categorias internas dentro dos conjuntos de fontes e quantificadas a recorrência dessas categorias entre as fotos, capas e artigos estudados em cada um dos capítulos. Fazendo uso de porcentagens, é possível perceber que tipos de heróis ganham maior destaque dentro da *Anauê!* e, estudando com mais atenção essas fontes de maior e menor recorrência, se compreende por que alguns heróis fazem mais ou menos sentido dentro da filosofia da História integralista.

O primeiro capítulo deste trabalho focou nos grupos classificados como “Fundadores da Nação” e esteve mais ligado às questões da formação da raça brasileira como um elemento fundamental da identidade nacional integralista. O segundo capítulo se debruçou sobre os Grandes Vultos da História do Brasil e acabou sendo o mais extenso dos três por contar com uma quantidade consideravelmente maior de fontes e exigir um desmembramento maior desse grande conjunto. Para melhor compreendê-los, optou-se por dividir esses heróis cronologicamente, por entender que existiam maiores diálogos entre as figuras de determinadas épocas, e isso demandou a criação de diferentes tabelas quantitativas dentro do próprio capítulo. O terceiro capítulo, por fim, debruçou-se sobre os mártires da AIB e acabou sendo o menor dos três por contar com menos material a ser analisado, e ter muitos elementos que acabavam se

repetindo mais nos diferentes artigos e fotos do que apresentando informações novas para serem discutidas.

Capítulo 1 – Os Fundadores da Nação

O primeiro conjunto de fontes a ser analisado nesse trabalho é formado por três capas de revista, um conjunto de fotos e dez artigos distribuídos em dez revistas diferentes das vinte e uma analisadas. Para se encaixar nessa categoria aqui denominada de “Fundadores da Nação”³, foram selecionados os artigos, fotos e capas que falavam sobre grupos étnicos, culturais ou sociais que sejam importantes para a formação do Brasil contemporâneo e, conseqüentemente, tenham certo protagonismo na formação do Homem Integral e da Quarta Humanidade⁴. Outro critério utilizado para a definição dessa categoria é o de que esses artigos e capas deviam tratar dos Fundadores da Nação de forma mais geral. As fontes deviam apresentar o grupo como um todo, tratar o mesmo de forma mais geral e no máximo apontar um ou outro nome relevante dentro dele, mas sem ser esse o foco dos textos ou das imagens. Pois se o artigo tratar diretamente de alguma figura preponderante da história nacional este artigo será enquadrado na segunda categoria de análise presente neste trabalho que será discutida no próximo capítulo.

1.1 – Explorando quantitativamente o material:

Dentre esses dezesseis artigos e capas aglutinados para serem analisados neste primeiro capítulo, percebeu-se sete grupos recorrentes de Fundadores da Nação, sendo eles indígenas,

³ Salgado compreende a nação brasileira a partir do mito das três raças, como ele aponta em um dos seus textos em A Quarta Humanidade: “Nossa Patria nasceu da confraternização das raças, das grandes nupcias históricas que fundiram numa só aspiração e num só sentimento as tres humanidades” (SALGADO, 1934b, p. 139). Para ele, a união das raças através da miscigenação criou uma forte união entre todos os brasileiros em que, apesar das diferenças regionais, todos “possuem a mesma alma porque misteriosas forças, que vieram desde as primeiras transfusões de sangue, trabalham sem o percebermos, pela unidade do espirito brasileiro” (SALGADO, 1934b, p. 141). Ele dá especial destaque à nação por acreditar que, em função do desgaste das democracias liberais que culminou com a Primeira Guerra Mundial, estava iniciando-se um novo momento na vida política em que tendência a ser adotada pelos países seria de “Trancar-se cada nação em si mesma, afim de restaurar a autoridade de seus governos pela independencia economica e affirmação do espirito nacional” (SALGADO, 1934a, p. 138-139).

⁴ Com a Revolução Espiritual pretendida pela AIB (especialmente em seus anos iniciais de atuação), os integralistas propunham criar um “marco zero” na História da Humanidade e dar início a novos tempos marcados pelo autoritarismo de extrema direita, o conservadorismo e o cristianismo. Essa nova fase da humanidade foi chamada de Quarta Humanidade pois “A idéia central de Salgado é que a humanidade produziu três tipos básicos de sociedade que (...) caracterizam três fases da evolução humana. A primeira, da ‘humanidade politeísta’ que existiu até o surgimento do cristianismo (...) A segunda, da ‘humanidade monoteísta’, baseada no princípio da integração que se desenvolve historicamente na Idade Média (...) a ‘terceira humanidade’, cujo advento coincide com o Renascimento, é a ‘humanidade ateísta’, fundada no princípio da ‘desagregação’ e que explica o caos do mundo moderno” (TRINDADE, 1974, p. 211). Para alcançar essa nova fase da humanidade, era necessário criar o Homem Integral que seria detentor de todas as melhores categorias étnicas do Brasil, do branco, do índio e do negro e também seria integralista, cristão e capaz de criar um novo mundo a partir da implementação do Estado Integral no Brasil.

bandeirantes, nordestinos, soldados, sertanejos, negros e gaúchos. Segue uma tabela com a recorrência de cada um desses grupos:

Quadro 1: Distribuição geral dos Fundadores da Nação (doze artigos, uma foto⁵ e três capas)

<i>Grupo</i>	<i>Recorrência</i>	<i>Porcentagem</i>
Bandeirantes	Dois artigos e uma foto	18, 75% das fontes
Gaúchos	Um artigo	6,25% das fontes
Indígenas	Três artigos e duas capas	31,25% das fontes
Negros	Um artigo	6,25% das fontes
Nordestinos	Três artigos	18,75% das fontes
Sertanejos	Uma capa	6,25% das fontes
Soldados	Dois artigos	12,5% das fontes

Os indígenas formam o grupo de maior destaque dentro dessa primeira categoria de análise do trabalho. Isso pode passar a impressão de que esse grupo teria uma relevância primordial para a visão dos integralistas sobre História e sobre o próprio Brasil, porém, isso precisa ser contextualizado. Sua recorrência “vence” a dos bandeirantes e a dos nordestinos justamente pelas duas capas dedicadas aos indígenas, mas quando chegar-se aos outros capítulos do trabalho ficará evidente que eles não conseguem “emplacar” tantos heróis nacionais para os integralistas quanto os brancos. A reverência dos integralistas a esse importante grupo étnico brasileiro fica, basicamente, resumida aos três artigos e duas capas cujo conteúdo será melhor analisado mais adiante. Tal reverência se dá a partir de uma visão muito idílica dos indígenas, por vezes, sendo até mesmo pouco calcada na realidade. Justamente por isso praticamente não se vê “heróis indígenas” na *Anauê!*, apenas referências e homenagens à “raça” como um todo.

Em segundo lugar, os bandeirantes têm um papel destacado para a construção da visão dos integralistas sobre o Brasil e também para a autoimagem do partido e seus militantes que se retratavam nas páginas da *Anauê!* como herdeiros dos homens de Raposo Tavares. Empatados em quantidade de referências com os bandeirantes, os nordestinos têm três artigos ao seu respeito, ganhando especial destaque por enfrentarem as dificuldades da seca no agreste

⁵ Na prática, aparecem quatro fotos na mesma página, mas para uma análise quantitativa das fontes, elas serão classificadas como uma única foto porque são apresentadas pela revista como um conjunto e todas elas dialogam entre si a partir de um conteúdo parecido e de ter por trás delas o mesmo objetivo (mostrar, em fotos, os feitos dos “Bandeirantes do Século XX” para o público leitor).

sem o apoio do Estado Brasileiro. Com dois artigos exaltando-os, os soldados homenageados pela AIB não eram necessariamente aqueles alistados no Exército Brasileiro, mas também uma forma de homenagear o próprio povo com seu espírito de luta e demonstrar o caráter bélico tão típico das ideologias fascistas.

Para completar a presença das três raças que formaram o Brasil, os negros receberam um artigo a seu respeito quando a *Anauê!*, em seu décimo sexto número, comemorou a Lei Áurea e o fim da escravidão. Por fim, os dois últimos grupos homenageados foram os habitantes de determinadas regiões brasileiras: os sertanejos do interior que representam a união das três raças brasileiras (praticamente uma personificação do mito da democracia racial) e os gaúchos dos pampas que encaram o frio e desbravam o sul brasileiro.

O último ponto importante a ser destacado aqui antes de se analisar com mais atenção de que forma a representação de cada um dos grupos se entrelaça com o pensamento de Plínio Salgado é que nenhum desses grupos homenageados como “fundadores da nação” é advindo das regiões litorâneas brasileiras (à exceção dos negros e dos soldados que, de um modo geral, poderiam ser dessas regiões ou de quaisquer outras do país). O indígena é visto como alguém das matas, um representante do coração do Brasil, o bandeirante é geralmente paulista e teria sido quem explorou o interior do país e criou o Brasil atual ainda em seus tempos coloniais, o gaúcho que aparece na *Anauê!* é aquele dos pampas e os nordestinos são os caboclos do interior agreste, muito parecidos com os sertanejos. Essa primeira visão mais geral já nos dá alguns indícios da visão sobre História e o Brasil de Plínio Salgado e como ela aparece no conteúdo da *Anauê!*.

1.2 – A contradição entre litoral e interior para Plínio Salgado:

Aprofundando agora o último ponto levantado na breve análise quantitativa feita sobre o primeiro conjunto de fontes do trabalho, é importante entender a contradição entre “litoral” e “interior” ou “sertão” no pensamento de Plínio Salgado por duas perspectivas: pela sua formação enquanto intelectual brasileiro durante o modernismo em consonância com outros autores católicos e conservadores e, também, enquanto parte integrante de um fascismo que aos poucos parecia tentar se globalizar no entre guerras. Começando pela segunda perspectiva, pois esta não é a que terá maior destaque neste trabalho, parte-se da compreensão de que “O fascismo é um gênero de ideologia política cujo cerne mítico, em suas várias permutações, é uma forma palingenética de ultranacionalismo populista” (GRIFFIN, 1996, p. 26, apud PAXTON, 2007,

p. 47). Griffin adota o termo ultranacionalismo (ou hipernacionalismo, dependendo da tradução) por entender que a postura fascista assume um profundo caráter antiliberal refletida em “uma forte rejeição as instituições de caráter liberal, bem como de tudo que possa ser visto como compatível com elas ou com valores culturais do humanismo iluminista nas quais se fundam” (BRANDALISE, 1992, p. 40).

Através da repulsa a quaisquer valores, estruturas e elementos que pudessem ser considerados estrangeiros, o ultranacionalismo fascista nega o nacionalismo liberal ligado ao individualismo e propõe uma visão da nação enquanto uma comunidade histórica supra-individual em que as individualidades e os egoísmos causados por elas seriam um atraso para a unificação do país. Propondo um governo integral – que unisse de fato a população como um todo – o fascismo apresenta ideias baseadas “no apelo a um feitiço ‘integral’ de participação e de completo envolvimento com os destinos da nação, o modelo fascista é condicionado pela atuação das lideranças, promotoras maiores da identificação dos adeptos com o movimento” (BRANDALISE, 1992, p. 41).

Focando, agora, na questão palingênica, as origens míticas de autojustificativa do fascismo vão se dar em uma reconstrução idealizada de um passado perfeito projetado como futuro utópico que só pode ser alcançado pela vitória da revolução fascista. Esse passado idealizado tem função de “mito de fundação” e, no caso do “mito fascista é aquele da regeneração da nação decadente, da ‘nova ordem’, oriundo da crença na experimentação de um processo histórico decisivo, onde a crise e decadência são vistos como sinais de que os velhos tempos estão findos e os novos tempos se aproximam” (BRANDALISE, 1992, p. 42). O caso italiano é bastante clássico e objetivo, pois Mussolini e seus seguidores apontavam o futuro da Itália fascista como um retorno aos tempos áureos do Império Romano. Plínio Salgado e os integralistas vão fazer manobras retóricas parecidas com a de Mussolini ao criar a oposição entre litoral e sertão:

Dentro da ideologia integralista havia oposição entre o “sertão” o “litoral”. O “sertão” era entendido como os valores nacionais e a defesa de um nacionalismo e um ideal autóctone de brasileiro (leia-se integralismo). Este constituía-se como corpus a partir da construção de uma oposição ao “litoral”, ou seja, à influência externa, que colocaria em risco a sobrevivência do “coletivo”, designado pelos integralistas como um “nós” contra o “eles” (OLIVEIRA, 2009, p. 316).

O passado mítico integralista, portanto, não é muito bem definido temporalmente. Contudo, serve a propósitos equivalentes aos dos outros fascismos europeus e extra-europeus,

invocando um recanto de pureza nacional seriamente ameaçado por interesses internacionais que invadiam o país pelo litoral. A partir disso, construía-se um discurso de medo iminente de ataques à soberania nacional e à verdadeira nacionalidade preservada no interior do país. A imprensa do partido vai utilizar-se bastante dessa estratégia de apontar “erros e defeitos dos inimigos do Sigma. Servindo-se de uma série de dualidades [como litoral vs sertão] (...) o movimento arquiteta seu discurso no sentido de personificar, em uma figura combatível, todos os problemas enfrentados pela nação” (SANTORUM, 2018, p. 158). Entretanto, a escolha específica do sertão brasileiro como o lar do brasileiro ideal não se explica apenas pelo caráter fascista da AIB, então, agora, é necessário compreender a formação política e intelectual de Salgado para perceber que suas ideias não estavam descontextualizadas no Brasil da primeira metade do século XX.

Antes mesmo de conhecer o fascismo e pensar em montar um movimento político nesses moldes no Brasil, Plínio Salgado fizera parte do movimento modernista que se preocupava tanto com questões estéticas como políticas e tinha visões dos mais variados campos e extremos políticos, mas tinha como um dos principais debates que unia os diferentes grupos a questão do nacionalismo. Dentro do modernismo, Salgado fez parte mais especificamente de um movimento conhecido como “verde-amarelismo” que acreditava que “os brasileiros deveriam se desvincular da herança cultural europeia entrando na modernidade com a originalidade das referências nativas” (BATISTA, 2006, p. 47). A busca por novas referências e perspectivas para a definição de um novo nacionalismo⁶ já estava latente entre os pensadores brasileiros à época, especialmente entre os pensadores conservadores e de direita (grupo do qual os participantes do verde-amarelismo faziam parte). Pode-se ver o resgate e a reinterpretação de diferentes autores como “Alberto Torres [que] será redescoberto pela geração intelectual e política dos anos 30, tornando-se, aliás, um dos autores mais admirados pelos integralistas” (TRINDADE, 1974, p. 29). Alberto Torres foi um

⁶ Ernest Gellner define nacionalismo como “um princípio político que defende que a ‘unidade nacional’ e a ‘unidade política’ devem corresponder uma à outra” (GELLNER, 1993, p. 11). Nesse sentido, o nacionalismo busca consolidar um modelo de Estado em que dentro de suas fronteiras exista apenas uma única nação. Isso pode se dar enquanto “sentimento” quando essa equiparação entre Estado e Nação já está estabelecida e o povo sente-se pertencente ao seu país ou enquanto “movimento” quando não existe tal equiparação e os grupos nacionais buscam construí-la. Sendo assim, “o nacionalismo é uma teoria da legitimidade política que exige que as fronteiras étnicas não atravessem as fronteiras políticas e, especialmente, que as fronteiras étnicas dentro de um mesmo Estado (...) não separem os detentores do poder do resto da população” (GELLNER, 1993, p. 12). Os integralistas, portanto, se apresentam enquanto, para a concepção deste trabalho, movimento nacionalista ao acreditarem que existe uma diferenciação entre os comandantes do Estado brasileiro e o verdadeiro Brasil “escondido” no seu interior. Por mais que o país já tenha suas fronteiras étnicas estabelecidas territorialmente, num movimento interno, os integralistas se propunham a fazer com que os verdadeiros brasileiros tomassem o espaço ocupado pela influência estrangeira no comando do país.

importante pensador, político e ensaísta social do Rio de Janeiro que vinculou suas principais preocupações com o “problema nacional”, sugerindo que a solução para ultrapassar os obstáculos que impediam o pleno desenvolvimento brasileiro passaria pela discussão da questão da unidade da nação. Considerado o precursor do que hoje podemos denominar de “pensamento nacionalista autoritário (BATISTA, 2006, p. 33)

A partir da leitura de Torres e de debates no centro do movimento modernista, é possível entender de que forma foi se moldando no pensamento de Salgado a questão do nacionalismo, do desenvolvimento do país e da unidade nacional a partir de uma verdadeira essência do “ser brasileiro”. Salgado também se apropria, principalmente, de Farias Brito e de Euclides da Cunha e é a partir da interpretação de Salgado deste segundo autor que entende-se a escolha do sertão brasileiro como o local detentor da verdadeira nacionalidade e do verdadeiro brasileiro que deveria ser resgatado pelo Integralismo. A publicação de *Os Sertões* de Euclides da Cunha ajuda a moldar e modificar os debates sobre nacionalismo no Brasil, pois, se no século XIX (especialmente com os autores do Romantismo) víamos uma visão idealizada, sonhadora e positivada do nacional ligado principalmente à exuberância natural do país, “Euclides deu o tom de denúncia da realidade brasileira ao retratar o contraste de dois ‘Brasis’, o do sertão e o do litoral” (BATISTA, 2006, p. 58). Os debates em torno do nacionalismo mudam de tom radicalmente. E, no pensamento de Salgado, é possível perceber isso nas fortes críticas do integralista ao litoral e, baseado em sua interpretação de Euclides da Cunha e dos debates sobre raça da primeira metade do século, na visão do sertanejo, do caboclo e do nordestino como um homem forte. O brasileiro do interior do Nordeste é um exemplo para o restante país e o detentor da verdadeira nacionalidade brasileira por estar afastado das influências nefastas do litoral e por sobreviver mesmo sem o suporte do Estado Liberal brasileiro.

Os reflexos dessa visão de Salgado ficam perceptíveis na revista *Anauê!* nos três artigos da revista que tratam especificamente sobre nordestinos, mas a análise deste capítulo se deterá em apenas um deles para que se possa realizá-la com maior atenção e destaque. O artigo presente no sexto número da revista, é o mais diretamente ligado à interpretação integralista da obra de Euclides da Cunha, chegando a diretamente citar o autor e *Os Sertões*. Neste artigo, que versa sobre as injustiças cometidas pelo Estado Liberal com o povo nordestino, que só lembra de sua existência durante as eleições, o homem nordestino é apresentado ao leitor como alguém formado pelo “consorcio selvagem das três raças (...) Nenhum outro exemplar da nossa sub-raça caracteriza melhor o typo brasileiro que o filho do Nordeste, sobretudo o caboclo rustico do sertão” (*Anauê!*, nº 6, janeiro, 1936, p. 8). O que alinha a representação do nordestino afastado da influência do Estado Liberal e das mazelas do litoral com o ideal racial do Homem

Integral que, pela luta dos integralistas, conduziria o Brasil e o mundo à Quarta Humanidade. Ganha especial destaque essa exaltação às características raciais do povo nordestino e a negligência do Estado com o nordeste para a consolidação da visão romantizada da *Anauê!* sobre os nordestinos, pois, em sua obra, Salgado

profetiza que a “Quarta Humanidade” terá base física na América Latina e que a “raça cósmica” que fecundará essa nova civilização terá como traços fundamentais: agudeza dos instintos graças à sua origem étnica indígena; bondade extrema que caracteriza os povos infantis; profunda espiritualidade e tenacidade na luta contra a exploração econômica. (TRINDADE, 2016, p. 61)

A construção da imagem do nordestino pela *Anauê!*, assim como pela imprensa integralista de modo geral, se faz de acordo com os “cânones” da ideologia integralista, em especial com a visão de Salgado que busca o ideal racial, político e cultural do Homem Integral dentro da nação brasileira. Também é elogiada a capacidade do caboclo nordestino de encarar as adversidades que a natureza impõe em sua terra, contudo, este é um padrão que poderá ser percebido novamente em outros grupos sobre os quais a *Anauê!* discorreu, então não será abordado aqui para se tratar com maior profundidade no subcapítulo devido.

1.3 – Um Brasil indefeso à mercê dos interesses internacionais:

Uma das partes mais importantes da ideologia integralista era a definição de seus inimigos políticos, pois o combate a esses inimigos perpassava praticamente todas as esferas de atuação da AIB. A própria concepção de história de Salgado e dos integralistas apoiava-se “numa interpretação maniqueísta da evolução da humanidade onde se defrontam continuamente o homem contra o homem, o bem contra o mal, o materialismo contra o espiritualismo” (TRINDADE, 1974, p. 210). Salgado, na obra *O que é integralismo* de 1933, caracteriza a visão de vida materialista da seguinte maneira:

encara a vida humana como um fenomeno que começa e termina sobre a Terra. Para os que adoptam esse conceito, não existe Deus, não existe a Alma e, como consequencia natural, tudo o que se relaciona com essas duas idéas puramente espirituaes (SALGADO, 1933, p. 17)

Esse tipo de concepção de mundo materialista, por não ter base cristã, negaria os princípios básicos para o bom funcionamento da sociedade e estaria sustentado no individualismo que ganhara força no século XIX, a partir da Revolução Francesa. Salgado aponta tanto o liberalismo quanto o comunismo como expressões do materialismo e coloca os

dois como os grandes e principais inimigos ideológicos da AIB. Materialismo e espiritualismo seriam inconciliáveis, pois o segundo

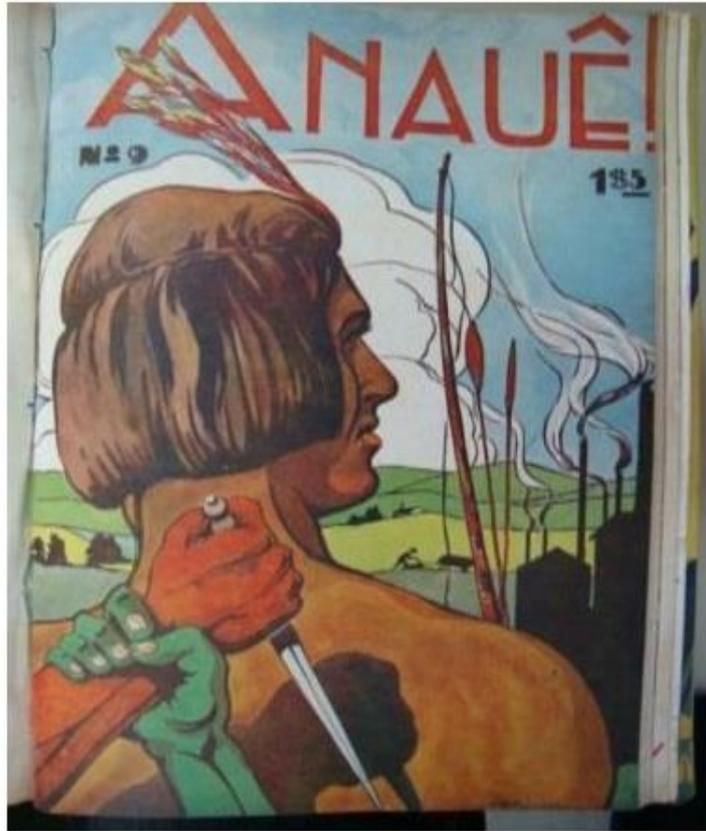
considera a vida humana um fenómeno transitorio, condicionando a uma aspiração eterna, superior. Para os que adoptam esse conceito, existe Deus, e existe a Alma e, como consequência natural, tudo o que se relaciona com essas duas idéas (SALGADO, 1933, p. 18)

É bastante claro como o líder integralista se preocupa em construir as duas ideias como antíteses e apontar o materialismo como o vilão a ser derrotado. Em seus textos, Salgado tece muitas críticas ao liberalismo e, em especial, à liberal-democracia que teria levado o Brasil e o mundo aos grandes problemas enfrentados no começo do século XX, como as crises econômicas e a Primeira Guerra Mundial. Contudo, dentro da imprensa integralista, o comunismo vai ter muito mais espaço como principal inimigo da AIB do que a liberal-democracia, pois o anticomunismo já era muito forte no país à época e utilizar-se dele era um cabo eleitoral muito útil e fácil de ser usado para angariar novos militantes e simpatizantes.

Assim, aproveitando-se do fervor anticomunista que tomava conta do Brasil na década de 1930 e do descontentamento de parte da população com os rumos do país depois da “Revolução” de 30, “A ideologia integralista transmitida de forma *pedagógica* a partir da delimitação dos inimigos: entre o “bem” e o “mal”, entre os valores brasileiros e os estrangeiros” (OLIVEIRA, 2004, p. 69). Dentro dessa definição entre vilões e heróis no embate entre materialismo e espiritualismo, um dos principais instrumentos pedagógicos vai ser justamente a imprensa integralista em que se constrói uma “imagem de um Brasil em decadência, em que estariam em crise as ideias de fé, de família, de trabalho, de educação e de política” (SANTORUM, 2018, p. 130). Esse Brasil em crise, em meio ao eterno embate entre materialismo e Integralismo, torna-se uma presa frágil e fácil perante os inimigos estrangeiros do Brasil e essa visão catastrófica de um Brasil em perigo, necessitado de um salvador, se expressa nas páginas da AIB em alguns momentos.

A capa da nona edição da *Anauê!* é um dos exemplos mais didáticos dessa visão integralista de um Brasil puro e indefeso frente aos inimigos materialistas estrangeiros que teria como salvador a AIB. Nessa capa vê-se uma mão vermelha (o comunismo) tentando apunhalar pelas costas um indígena, mas sendo impedida por uma mão verde (o Integralismo).

Figura 1



Anauê!, nº 9, abril, 1936. (apud FIORUCCI, 2014, p. 155)

A escolha do ilustrador e da direção que cuidava das decisões editoriais da revista pela figura de um indígena como o brasileiro à mercê do comunismo não é gratuita. Assim como o caboclo nordestino, o indígena também é, para os integralistas, um dos guardiões da verdadeira nacionalidade brasileira e um dos elementos raciais mais importantes para a formação do brasileiro e do Homem Integral. Em uma das referências diretas aos indígenas nas páginas da *Anauê!*, a importância do ideal racial integralista fica gritante na escolha dos indígenas como um dos grupos fundadores da nação brasileira, pois, segundo o texto extraído do romance de Plínio Salgado *A Voz do Oeste*, a este grupo tinha sido reservada uma espécie de missão divina e profetizada: “diluir-se no sangue das raças, para criar um espírito de unidade e de expansão” (*Anauê!*, nº 3, agosto, 1935, p. 17).

Todavia, apesar dessa importância da miscigenação para a formação da raça brasileira, os integralistas não parecem acreditar que os indígenas deveriam apenas se “diluir”, pois neste mesmo texto está explícito um lamento e uma saudade pelo desaparecimento dos indígenas que, às vezes, parecem estar presentes no Brasil contemporâneo apenas nos nomes de rios e

montanhas. Em artigo lançado na quinta edição da revista, pode-se ver a questão ser abordada de novo, dessa vez num tom mais próximo do que foi adotado na capa do nº 9, apontando os ataques e perseguições aos indígenas como parte da “marcha civilizatória” adotada pelo governo brasileiro sob influência de interesses estrangeiros que tentavam integrar à força os “selvícolas” à sociedade ocidental materialista e caótica. E justamente essa integração forçada estaria causando o colapso dos indígenas e seu consequente desaparecimento, lamentado no artigo referenciado anteriormente, fazendo com que “Milhares de selvícolas outrora fortes e vigorosos, são hoje presa do álcool, do fumo e da syphilis, veiculados pela civilização” (*Anauê!*, nº 5, dezembro, 1935, p. 18 e 20). Essa preocupação se vincula diretamente ao combate aos inimigos materialistas da AIB e também se explicita na capa do nº 9 para além da simples aparição da mão vermelha do comunismo como uma ameaça à vida do inocente e brasileiro índio, pois, como aponta, Fiorucci

Em segundo plano, é possível vislumbrar ainda o contraste entre o espaço urbano, com suas chaminés industriais, e o campo mais ao fundo. Como se percebe, a cidade é retratada com cores escuras, local sombrio e sufocante, enquanto o campo aparece colorido e bonito, com belas paisagens, que remetem à natureza, ar puro, tranquilidade. (FIORUCCI, 2014, p. 154)

A ameaça à verdadeira brasilidade personificada em figuras do interior brasileiro evidencia a questão central para o pensamento de Salgado do conflito entre materialismo e espiritualismo, além de ter papel formativo e apelativo para o público leitor e militante. E também passava uma mensagem bastante importante sobre os riscos e perigos da urbanização para Salgado, que acreditava que a industrialização e suas consequências afastariam os brasileiros de sua verdadeira essência, pois, para ele, o “processo de modernização (...) tem como consequência a angústia. Esta angústia se desdobra em todos os males da vida moderna: luxo, promiscuidade, abuso de álcool (...), entre outros” (SILVA, 2007, p. 58). Mas mesmo que esse “mal” industrial, no caso brasileiro, fosse causado pelo lento avanço e desenvolvimento do capitalismo no país, a capa do nº 9 da *Anauê!* associa o ataque à essência brasileira e o desenvolvimento da “angústia” nas grandes cidades ao perigo comunista porque esta era uma forma muito mais eficiente de se atrair a atenção dos leitores junto à onda anticomunista. Assim também era mais fácil evitar se indispor com o governo Vargas e seus mecanismos de repressão e censura que também assumiam essa postura anticomunista e, portanto, não perseguiram tanto a AIB quanto os comunistas e a Aliança Nacional Libertadora, apesar de articularem certa repressão aos integralistas em escala mais regional junto aos governadores dos estados (HACKENHAAR, 2019, p. 91)

1.4 – O vigor físico e o embate contra a natureza na formação do Espírito brasileiro: a importância do bandeirante na formação nacional:

Um ponto em comum entre todos os grupos representados pelos integralistas neste primeiro conjunto de fontes é a importância dada ao vigor físico e características raciais e, excetuando os soldados, à relação desses grupos com a natureza e o ambiente que os cerca. O destaque dado para esses temas se fundamenta na produção intelectual de Plínio Salgado, assim como a maior parte do conteúdo veiculado pela imprensa integralista e se relaciona diretamente com as expectativas que o Chefe Nacional colocava em torno da nação brasileira e da criação do Homem Integral. A valorização do vigor físico em Plínio Salgado tem uma inspiração bastante evidente no fascismo italiano⁷ que se utilizou bastante dos esportes e da educação física para implementar ideias de hierarquia e de uma organização militar para a criação do novo homem do novo Estado fascista.

Salgado tinha por base ideológica pretensões baseadas na experiência do governo autoritário de Mussolini que muito se utilizou dos esportes e da educação física para consolidar o seu regime e o seu modelo de “‘homo fascistus’, portador das virtudes heroicas e agente capaz de operar as transformações da sociedade” (BRANDALISE, 1992, p. 42). Um dos casos mais emblemáticos dos usos políticos dos esportes por parte dos fascistas italianos foi o do futebol que foi completamente reestruturado e reorganizado pelo Estado italiano para servir aos interesses de unificação nacional de Mussolini (CLEZAR, 2015, p. 32-34) e também usado como forma de mostrar ao mundo a força dos fascistas com as vitórias nas Copas do Mundo de 1934 e 1938 e das propagandas feitas pelo regime através de seus jogadores (CLEZAR, 2015, p. 50-51).

Além dessa influência italiana, Salgado vivia em um Brasil em que os debates sobre higienismo social, eugenia e a importância da Educação Física estavam com muita força e muito ligados a reflexões sobre a formação e a unidade nacional a partir de autores que também influenciaram a formação intelectual da AIB como Alberto Torres. Assim como na questão da formação nacional, o fator racial tinha bastante influência para a formação da nacionalidade e para as chances do sucesso do país. Nesse contexto, podemos acompanhar alguns autores que vão apontar a Educação Física como uma possibilidade de aprimoramento da raça brasileira e

⁷ Salgado inspirou-se bastante em Mussolini para criar a AIB em 1932 e são evidentes influências do Fascismo Italiano em seu pensamento político durante a década de 1930. Contudo, quem mais se inspirou na experiência fascista na Itália para construir a ideologia integralista foi o teórico Miguel Reale, que se preocupou mais em elaborar teoricamente o modelo de Estado Integral pretendido pelo Integralismo. As influências de Salgado, por sua vez, muitas vezes estão mais ligadas ao Integralismo Lusitano do que às ideias e práticas de Mussolini.

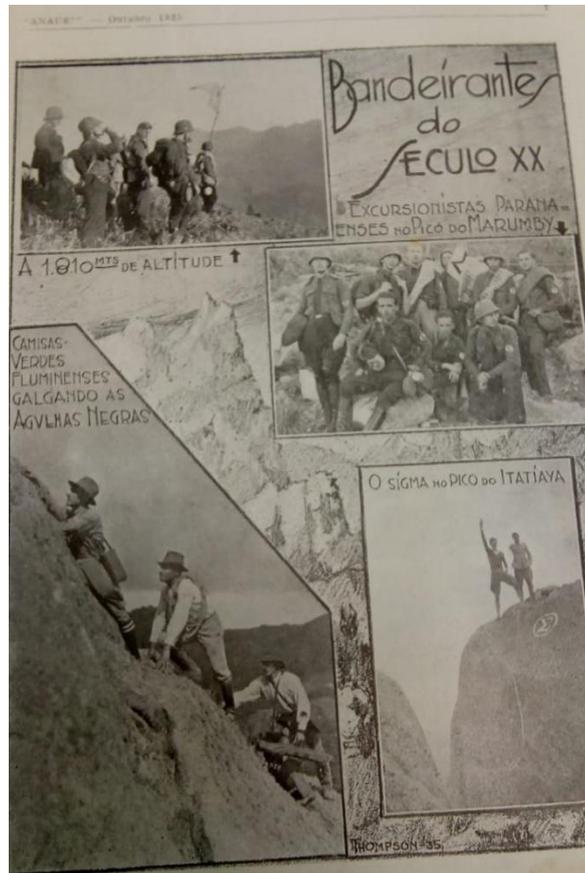
consequente melhoria da sociedade, mas isso não era um consenso dentre os pesquisadores da área. No geral, durante a década de 1930, aponta-se duas orientações principais nesses debates:

uma *lamarkista*, de cunho intervencionista no campo da educação, defendida por Fernando de Azevedo e outra *galtoniana*, identificada com teorias racistas, pregando a regulamentação de casamentos e esterilização de doentes, defendida pelo professor de higiene da Escola Nacional de Educação Física da Universidade do Brasil, Waldemar Arenó (GOIS JUNIOR & LOVISOLO, 2005 p. 324).

A partir desses debates nacionais sobre raça e Educação Física enquanto possibilidade de melhoria de vida da população e da harmonia e progresso da sociedade (baseado no higienismo social europeu) e do exemplo de estruturação do fascismo utilizando-se da educação física e dos esportes, Plínio Salgado elabora as interpretações que servirão de base para outros pensadores integralistas sobre a importância do vigor físico e da Educação Física para a formação do Homem Integral (GOELLNER & SIMÕES, 2012, p. 263). Ao elaborar sua visão sobre Educação, Salgado não negligencia a Educação Física em sua “educação integral para o homem integral” e para isso propõe que a Educação deve “educar o homem todo, ou seja, o conjunto do homem físico, intelectual, cívico e espiritual” (GOELLNER & SIMÕES, 2012, p. 266). Porém, essa importância da educação física não se resumia apenas à preocupação de formar o homem como um todo, pois ela estava bastante ligada ao caráter belicista do Integralismo que tem inspiração clara nos movimentos fascistas europeus, pois o incentivo às constantes práticas esportivas para os militantes também se alinhavam à outra função dada pelo Integralismo à Educação Física: a “de preparar o militante para assumir seu posto na revolução armada, caso a AIB não atingisse seus objetivos por meio da Revolução Espiritual” (GOELLNER & SIMÕES, 2012, p. 266), mesmo que o próprio Plínio Salgado pouco se dedicasse a escrever sobre a luta armada, essa era uma opção vista como importante e viável por parte das lideranças e militantes integralistas.

A importância dada ao vigor físico é muito bem explicitada nos artigos da AIB que homenageiam a figura dos bandeirantes e tentam associá-la à atuação dos militantes do Sigma no começo do século XX. No quarto número da *Anauê!*, a tentativa de autopromoção do movimento às custas do bandeirantismo se alia fortemente à exacerbação da força física dos integralistas e dos bandeirantes quando os editores escolhem fotos de integralistas de diferentes excursionando por diferentes paisagens do país, como o morro das Agulhas Negras, e anunciando-os como “Bandeirantes do Século XX”:

Figura 2



Anauê!, nº 4, p. 7, outubro, 1995.⁸

As fotos escolhidas apresentam uma demonstração de força física dos militantes representados como valentes e inabaláveis. Tal intenção se entrelaça com as questões já explicitadas sobre a importância da Educação Física e da força para a formação do militante, do Homem Integral e da própria revolução armada, caso fosse necessária. A representação do bandeirantismo através dos militantes do Sigma também demonstra outro fator muito importante para a compreensão da obra de Plínio Salgado: o embate entre o homem e a natureza para a formação do “espírito” no Brasil e a importância dos bandeirantes nesse processo.

Já foi apontado anteriormente a ênfase dada pelo Integralismo e seu Chefe Nacional ao conflito entre matéria e espírito para a concepção maniqueísta do mundo e da História presente

⁸ Na página, lê-se o título “Bandeirantes do Século XX” e as seguintes chamadas: “A 1810 metro de altitude”, “Excursionistas paranaenses no Pico do Muramby”, “Camisas verdes fluminenses galgando as Agulhas Negras” e “O Sigma no topo do Itaipava”.

na imprensa integralista. Todavia, também é muito relevante compreender como se dá a formação desse espírito para Plínio Salgado, para tanto, serve-se da análise da dissertação de mestrado de Dangelis da Silva sobre a interpretação do Brasil na produção de Plínio Salgado:

O espírito constitui-se através do homem, que, por sua vez, resulta do encontro do ser e do ambiente. Desde o nascimento, o ser se vê obrigado a lutar contra o ambiente, garantindo a sua constituição enquanto homem. (...) Um encontro de nascidos sobre o mesmo solo, sujeitos às mesmas intempéries, frutos das leis da natureza, formam um tipo humano, no qual se alicerça a formação da nacionalidade (SILVA, 2007, p. 35).

As condições adversas impostas pelo ambiente, portanto, são fator fundamental para a formação do espírito do brasileiro e, em consequência disso, também vão ser basilares para a formação da nacionalidade. Contudo, apenas a pressão do ambiente não é o bastante para o desenvolvimento de um mesmo espírito, mais ainda em um país tão grande quanto o Brasil, e o bandeirante será eleito como o fundador dessa nacionalidade e a figura responsável por criar a unidade brasileira. As razões para essa escolha se dão, inicialmente, por motivos ligados aos debates raciais já destacados, pois, para Salgado, o bandeirantismo e os bandeirantes são os responsáveis pela criação da “Unidade étnica que implica em unidade de tendências, sentimentos e aspirações, servindo de base para a unidade política” (SILVA, 2007, p. 35).

A presença das três raças fundadoras do Brasil nas bandeiras e a marcha dos bandeirantes pelo país servem como mito fundador para a nacionalidade brasileira e, também, como exemplo para a atuação da AIB que se coloca como herdeira do legado bandeirante ao nomearam as viagens dos integralistas pelo interior do país para conseguirem novos militantes como “bandeiras” do século XX. Pode-se perceber essa tendência nas duas outras referências a bandeirantes na revista *Anauê!* em que não se fazem menções ou homenagens diretas a grandes nomes bandeirantes como Raposo Tavares (isso será estudado no capítulo seguinte). A eleição dos bandeirantes como principal grupo de fundadores da nação permite que Plínio Salgado construa uma história do Brasil em que se é negada a existência da luta de classes no Brasil, apontando que ela seria apenas mais um dos estrangeirismos que tentavam invadir o país pelo litoral para contaminar o interior. Na visão de Salgado, os bandeirantes construíram uma forma de relação entre as raças e as classes sociais que acontecia de forma muito mais harmoniosa e positiva do que na Europa. Para ele, a partir da experiência das bandeiras, constituiu-se:

Uma democracia de hábitos, que não estava baseada em leis, mas no costume, [que] se realizava nas Bandeiras, onde todos se vestiam mais ou menos igualmente, comiam juntos, não se importando se eram patrões ou empregados. Até mesmo as diferenças entre senhores e escravos eram eliminadas. (...) Assim, as lutas de classes deflagradas na Europa que deram origem à

Revolução Francesa não fazem sentido existir no Brasil, pois o país foi fundado sobre bases igualitárias. Essa construção mítica do nascimento do país revela a necessidade de Salgado evitar a realidade contraditória que o país apresentava. O legado autoritário, a escravidão, os conflitos sociais e políticos, a dominação das elites econômicas, convertem-se em democracia, igualdade e liberdade à Brasileira (SILVA, 2007, p. 73).

Evidencia-se que a escolha dos bandeirantes e da força física como partes fundamentais dos mitos fundadores da nacionalidade brasileira não é gratuita. Ela se reflete em outras escolhas por grupos de heróis nacionais presentes na *Anauê!*, como a figura do gaúcho que aparece no décimo quinto número da revista. Assim como na visão dos bandeirantes pelos integralistas, o gaúcho do campo também carrega consigo alguns mitos sobre uma igualdade que extrapolaria as relações entre patrões e empregados na lida com o campo e os animais nas estâncias. Porém, o foco da *Anauê!* está em mostrar como o embate com a natureza e a resistência ao pampa forjaram a força do gaudério ao apontar que “O meio physico do Brasil meridional e a sua atmospha social produziram o gaúcho – homem destemido, aventureiro, dotado de admiráveis atributos moraes. O pampa moldou-lhe a psychologia e deu nascimento aos seus hábitos de vida característicos.” (*Anauê!*, nº 15, julho, 1937, p. 56).

Nos artigos, já analisados previamente, sobre os nordestinos e sua importância como guardiões de uma verdadeira brasilidade também é exposta a importância dada pela AIB ao vigor físico e à luta entre o homem e seu meio. O que evidencia a importância que os integralistas queriam mostrar aos seus leitores que perpassava esses temas, possivelmente num sentido de indicar aos mesmos que também fossem fortes e perseverantes. No próximo capítulo, discutir-se-á o papel formativo que Plínio Salgado dava à imprensa e a importância dos heróis nacionais como exemplos e modelos a serem seguidos pelos integralistas ao tratar-se dos Grandes Homens e seus Grandes Feitos propriamente ditos.

Capítulo 2 – Os Grandes Vultos da História Nacional

O conjunto de fontes a ser analisado agora conta com vinte e um artigos, três fotos com legenda e uma capa de revista distribuídos em quatorze números da *Anauê!*. O material selecionado dentro do conjunto maior de fontes é daqueles artigos, fotos e capas em que os integralistas explicitassem sua admiração e respeito por pelo menos um grande nome da história do Brasil. Se, no capítulo anterior, analisou-se a representação de grupos étnicos, sociais ou culturais mais difusos, neste a análise se dará em torno das figuras de destaque dentro de grupos que apareceram ou não previamente. Por exemplo, se no conjunto anterior de fontes, foram encontradas várias referências aos bandeirantes, no presente capítulo será analisado um artigo escrito por Plínio Salgado em que se exalta a figura de Raposo Tavares, talvez o mais famoso dos bandeirantes.

2.1 A imprensa formativa e a importância dos heróis como exemplos de vida para Plínio Salgado:

Antes de ingressar diretamente no estudo das fontes selecionadas, é importante introduzir a importância dada por Plínio Salgado para os heróis nacionais e relacioná-la com o papel que o mesmo dava para a imprensa no Integralismo e na sociedade como um todo. Já foi apontado que o liberalismo era um dos principais inimigos do Integralismo, e tinha papel de destaque na obra de Salgado como um dos adversários a serem derrotados pela AIB, e essa “rivalidade” também vai se explicitar na visão deste sobre a imprensa e seu papel social.

O Chefe Nacional, desde antes de criar a AIB, já apontava os perigos da imprensa assumir uma postura empresarial capitalista que tornaria os jornais simples produtos de mercado com função de vender informações para a população (SANTOS, 2009, p. 100-103). Essa postura é encarada como algo problemático por Plínio Salgado porque, para ele, a imprensa deveria ter uma função formativa e não informativa – a ideia dele era que os jornais e revistas veiculassem os valores políticos, morais e culturais. Para isso, a imprensa integralista fazia uso da “repetição constante de determinadas idéias, com ligeiras modificações, tanto no mesmo jornal, como em jornais diferentes” (CAVALARI, 1999, p. 94).

Um dos valores do Chefe Nacional a serem circulados pela imprensa integralista era justamente o da “admiração pelos heróis brasileiros” e sua utilização como “exemplos a serem seguidos” (BATISTA, 2006, p. 51) num sentido doutrinário de constante formação desses

militantes para que melhor servissem à AIB e ao Brasil. A construção dessa admiração e da importância desses heróis nacionais estava diretamente ligada ao ideal de nacionalidade de Plínio Salgado, que valorizava o interior e a essência do Brasil em repúdio às influências estrangeiras, que tentavam constantemente atacar o país. Para alcançar esse objetivo, as grandes figuras nacionais eram instrumentalizadas pelos integralistas para fortalecer o culto à personalidade a partir de “exemplos positivos” de nacionalidade, nesse sentido:

As formas de cultuar essas personalidades eram variadas, mas sempre mencionadas a partir de um discurso que enfatizava a necessidade de dar impulso à formação da consciência da nacionalidade. Eram citados e homenageados e, em algumas oportunidades, fazia-se, até mesmo, concursos para quem melhor promovesse a memória desses “heróis” (BATISTA, 2006, p. 52)

A imprensa integralista também vai ser incorporada nessa busca pelo culto às grandes personalidades nacionais e, principalmente, no caso da revista *Anauê!*, isso não vai destoar do restante dos interesses por trás das publicações em nenhum sentido. Parte do papel formativo da imprensa integralista passava pelo ataque constante aos seus inimigos e à apresentação do Integralismo como a única ideologia capaz de derrotar o comunismo e o liberalismo e, assim, criar as condições necessárias para um futuro próspero. Portanto, é coerente afirmar que uma das principais preocupações dos integralistas com a sua imprensa era uma constante autopromoção, bem como a presença dos heróis nacionais nas páginas da *Anauê!* vai se relacionar diretamente nessa lógica, como nos indica Rogério Souza Silva em artigo publicado em 2005 chamado “A política como espetáculo: a reinvenção da história brasileira e a consolidação dos discursos e das imagens integralistas na revista *Anauê!*”. Neste estudo, o autor aponta como os integralistas reinterpretem e reinventam a história do Brasil para que ela se encaixe com sua visão de mundo – que está diretamente relacionada com o conflito entre materialismo e espiritualismo, como já foi indicado – e para dar à AIB uma espécie de “passado ancestral”.

Esse passado reconstruído pela AIB tentava ligar os integralistas ao bandeirantismo e à Inconfidência Mineira, por exemplo, e, principalmente, equiparar a figura do Chefe Nacional a esses grandes nomes e exemplos da história nacional, consolidando tanto o uso dos heróis nacionais como exemplos a serem seguidos quanto a autopromoção tão importante para os conteúdos veiculados em sua imprensa. Essa união entre a adoração dos heróis e a autopromoção dos integralistas tinha como um de seus principais objetivos construir uma história do Brasil em que a AIB estivesse, de alguma maneira, sempre relacionada a esses heróis nacionais; pois “o poder tem que se mostrar como se brotasse do chão do passado, para apontar

os caminhos do futuro, como se estivesse predestinado a aparecer em um momento histórico ou a se perpetuar no comando de uma sociedade” (SILVA, 2005, p. 63). Na interpretação de Rogério Souza Silva, essa busca por um poder que “brotasse do chão do passado” fez com que os integralistas se preocupassem em apresentar uma origem divina de Plínio Salgado aos militantes e aos leitores da *Anauê!* para, dessa maneira, “sacralizar o movimento, transformando-o em um conjunto de predestinações divinas” (SILVA, 2005, p. 69) – o que se justifica de forma bastante clara ao entender o papel que os integralistas davam para si mesmos dentro do conflito maniqueísta entre espírito e matéria.

Esse destaque e devoção ao Plínio Salgado não é uma especificidade da *Anauê!*, e se dava com grande frequência em suas páginas porque a revista tinha abrangência nacional entre os militantes do Sigma – assim, “servia como uma das armas utilizadas para manter e garantir a liderança de Salgado. [pois] O culto ao líder era um dos pontos-chave, não apenas desta revista, mas de toda a rede de imprensa integralista” (OLIVEIRA, 2009, p. 193). Contudo, a preponderância da figura de Plínio Salgado como potencial salvador da nação, representada na *Anauê!*, também se explica pelas pretensões eleitorais da AIB, que fizeram com que a mesma se registrasse como partido político e tentasse se organizar de forma a alcançar o maior eleitorado possível (FIORUCCI, 2014, p. 62).

Fica bastante óbvio perceber que a principal pretensão integralista era a de alcançar o cargo da Presidência da República em eleições futuras, justamente porque a *Anauê!* começa a circular mais padronizada, organizada e com periodicidade mensal a partir 1937, ano que antecederia as eleições marcadas para 1938. É, também, nesse último ano de circulação da revista que se veem, nas páginas iniciais dos diversos números publicados, pequenos artigos apresentando Salgado como candidato à presidência e apontando razões para que ele e o Integralismo alcançassem o cargo no ano seguinte, deixando ainda mais claro o papel eleitoral que a *Anauê!* passava a adotar.

A própria criação da *Anauê!* está aliada a uma “nova fase” do Integralismo e da imprensa integralista em que a AIB se consolidou enquanto um partido político e tentou se organizar melhor internamente para alcançar novos militantes, assim como para ganhar a simpatia de eleitores. A partir dessa nova organização interna, o conteúdo da imprensa integralista foi afetado por essas novas pretensões eleitorais, ressignificando a importância dos líderes do partido. Em especial, tratar com o devido cuidado a figura do Chefe Nacional se provou fundamental porque, a partir de então, além de ser amado e respeitado por seus seguidores, deveria convencer o restante da população a escolhê-lo como possível Presidente da República.

Para alcançar esse objetivo, aumenta-se o culto ao Chefe, em um país marcadamente católico. Igualmente, a sua associação a grandes vultos históricos se mostra como uma das estratégias de busca por crescimento e consolidação política de um partido com inspirações fascistas em um Brasil marcado pela desigualdade e por incontáveis mudanças políticas, econômicas e sociais na primeira metade do século XX.

2.2 Explorando quantitativamente o material:

Foi possível perceber alguns padrões entre os heróis nacionais presentes na *Anauê!*, por isso, optou-se por, inicialmente, agrupá-los em algumas categorias que, em alguns casos, dialogam com os “Fundadores da Nação” estudados no capítulo anterior. Não foi muito comum ver heróis se repetindo em diferentes números da revista, as exceções foram: Duque de Caxias que teve um artigo sobre seus feitos no número 4 e no número 22; Tiradentes que teve uma capa em sua homenagem (lado a lado com Plínio Salgado) e dois artigos sobre sua pessoa nos números 8 e 15. O Barão do Amazonas também teve dois artigos publicados a seu respeito, contudo, um era complementar ao outro e estavam os dois presentes no número 17, assim como Getúlio Vargas que teve dois artigos dando-lhe especial destaque no vigésimo segundo e último número da *Anauê!* de dezembro de 1937.

Sendo assim, analisar exaustiva e separadamente cada um dos nomes presentes nesse conjunto de fontes parece contraproducente, por isso optou-se pelo agrupamento desses heróis em categorias que facilitem a compreensão do perfil dos heróis nacionais integralistas. Segue-se uma tabela a partir dessa divisão escolhida:

Quadro 2: Distribuição geral dos heróis nacionais (vinte e um artigos, três fotos e uma capa)

<i>Heróis</i>	<i>Recorrência</i>	<i>Porcentagem arredondada</i>
Artistas	Um artigo e uma foto	7,14%
Bandeirantes	Um artigo e uma foto	7,14%
Imperadores	Três artigos	10,71%
Políticos	Cinco artigos	17,86%
Religiosos	Um artigo e uma foto	7,14%
Revolucionários	Quatro artigos e uma capa	17,86%
<i>Self-made-men</i>	Três artigos	10,71%
Soldados	Seis artigos	21,43%

Se no capítulo anterior, os soldados não tiveram muito destaque como grupo social fundador da nação brasileira, isso é “corrigido” agora com a eleição de heróis nacionais cujos nomes merecem destaque, representando mais de um quinto das fontes a serem analisadas neste capítulo. Além disso, também vemos uma diminuição da prevalência dos bandeirantes e nordestinos com relação ao conjunto de fontes do capítulo anterior, assim como a não aparição de qualquer indígena. Os primeiros passam a ser representados apenas por uma foto de uma estátua dedicada a Anhanguera na cidade de São Paulo e por um texto de Plínio Salgado em honra a Raposo Tavares; os segundos se resumem a Beckman que protagonizou a “Revolução de Beckman” no Maranhão e está classificado como “revolucionário”, e ao Vidal de Negreiros que vivia em Pernambuco, assim como Henrique Dias⁹ que são classificados como soldados.

Esse “sumiço” de figuras fundamentais do primeiro capítulo para dar espaço para categorias como soldados e revolucionários se explica por duas principais razões. A primeira está ligada a esta mesma pesquisa que precisou criar categorias de análise que, sob os preceitos apontados por Bardin para a Análise de Conteúdo, fossem exclusivas e objetivas, pois “um mesmo conteúdo não pode ser classificado aleatoriamente em duas categorias diferentes” (BARDIN, 1977, p. 36). Sendo assim, se as categorias negro e nordestino voltassem a ser utilizadas, seria impossível classificar figuras como as citadas anteriormente, já que não seria possível deixar de classificá-las como revolucionários para Beckman ou como soldados para Henrique Dias e Vidal de Negreiros. Então, optou-se por manter apenas as categorias mais genéricas que abarcariam um maior conjunto de fontes para se alcançar uma análise quantitativa mais abrangente sobre o perfil desses heróis nacionais.

A segunda razão está relacionada com a visão dos integralistas sobre as figuras dos indígenas, nordestinos e bandeirantes. Sua idolatria está mais ligada a uma idealização desses grupos étnicos e sociais, em que a importância dos indígenas está em sua difusão no sangue dos brasileiros pela miscigenação e a dos nordestinos está em ser “guardiões” da brasilidade intocada pelo exterior e pelo litoral. Essa visão está ligada aos grupos como um todo e a sua importância simbólica enquanto conjunto, e não a figuras de destaque que tenham realizado grandes feitos e sejam exemplos para a sociedade.

A diminuição de importância do bandeirantismo, por sua vez, também está ligada a essa noção mais genérica do bandeirante como desbravador do que aos feitos dos grandes

⁹ Henrique Dias está classificado como uma só fonte junto do Vidal de Negreiros, pois a homenagem foi feita aos dois no mesmo artigo, sem distinguir-lhes quaisquer características ou feitos em especial.

bandeirantes propriamente ditos. Mas também se relaciona com a forma como os integralistas construíram a importância dos bandeirantes a partir deles mesmos, que se viam como uma sequência do bandeirantismo, e, por isso, não precisavam a todo instante reviver figuras como Raposo Tavares já que Barroso, Reale e Salgado podiam exercer função parecida¹⁰.

Voltando às categorias com maior destaque dentro da *Anauê!*, pode-se perceber a política ganhando maior importância na escolha de heróis ao analisar que imperadores e políticos somam mais de um quarto dos referenciados na revista e formam um conjunto com nomes variados – já que o único nome a se repetir é o de Getúlio Vargas. Para além da interpretação histórica e das bases filosóficas na formação intelectual de Plínio Salgado, essa importante presença de políticos e imperadores na *Anauê!* ajuda a entender a AIB enquanto partido e o Integralismo como ideologia política conservadora, autoritária e de extrema-direita, revelando que a sua constituição não se resumia apenas ao anticomunismo e ao saudosismo associado ao interior e a essência de brasilidade. Nos próximos subcapítulos, o conteúdo desses artigos dedicados a figuras da história política do país será melhor destrinchado, mas cabe desde já pensar como os personagens escolhidos estão diretamente ligados à preocupação integralista com a formação da unidade nacional. Afinal, vemos nomes que protagonizaram a Independência, como Pedro I e José Bonifácio, e outros que consolidaram o Brasil impedindo o seu desmembramento nos anos de monarquia, como Pedro II, Feijó e Couto de Magalhães (fora das figuras políticas, Duque de Caxias também pode ser relacionado a essa mesma preocupação integralista).

Duas categorias que aparecem neste conjunto de fontes sem grande correlação com as presentes no capítulo anterior são as de artistas formadas por Carlos Gomes, músico, e Ramos de Azevedo, arquiteto, e a de *self-made-man* cujo nome de maior destaque é o importante industriário do Império Brasileiro, Barão de Mauá. A primeira delas parece estar relacionada com as origens modernistas e literárias do Chefe Nacional que nunca foram renegadas pelos integralistas que, inclusive, muitas vezes publicavam contos de variados autores na própria *Anauê!*. A segunda já parece bem mais descontextualizada, dada a importância que o antiliberalismo tinha para a formação ideológica da AIB, contudo, visto que o anticomunismo acabou tomando muito mais importância e espaço dentro da imprensa integralista, a aparição

¹⁰ Por mais que faça sentido entender as principais lideranças integralistas como heróis nacionais de tanta importância quanto os analisados neste trabalho, as autocongratulações e autopromoções diretas dos integralistas na *Anauê!* não serão analisadas neste trabalho, pois são material suficiente para outra produção acadêmica. Por falta de tempo hábil, não é possível incorporar essas figuras e os materiais a seu respeito nesta pesquisa.

de “empresários” e homens de sucesso é menos estranha do que seria uma homenagem a figuras de esquerda.

Por fim, as categorias religiosos e revolucionários somam cinco artigos, uma foto e uma capa e representam uma ligação direta com as bases ideológicas da AIB, dado que a intenção primordial dos integralistas era alcançar a Revolução Espiritual que conduziria o Brasil ao Estado Integral e à Quarta Humanidade. Visto isso, é evidente que revolução e religiosidade, mais especificamente cristianismo católico, estão bastante relacionadas para o Integralismo. A importância da revolução para esses heróis integralistas também está ligada à oposição entre o Brasil e o estrangeiro, visto que uma capa e dois dos quatro artigos classificados nessa categoria são dedicados a homenagear Tiradentes, a Inconfidência Mineira e a luta pela emancipação de Portugal nos tempos coloniais.

Percebe-se, então, que, por mais que os perfis e as categorias difiram consideravelmente deste capítulo para o anterior, preceitos fundamentais de Plínio Salgado e do Integralismo continuam guiando a escolha dos heróis nacionais, principalmente na questão da formação da nacionalidade e sua oposição à influência estrangeira.

Nos subcapítulos subsequentes, analisa-se os perfis de heróis a partir de uma organização cronológica dos mesmos, entendendo as diferentes importâncias dos períodos colonial, imperial e republicano para a *Anauê!*.

2.3 Os heróis do período colonial: entre bandeirantes e insurgentes

Neste e nos próximos subcapítulos, a análise das fontes se dará de modo mais qualitativo do que quantitativo, comparando os textos e imagens dos heróis nacionais presentes na *Anauê!*, contudo, visualizar, primeiramente, uma tabela mais quantitativa para melhor visualizar a distribuição desses heróis dentro do recorte temporal escolhido. No caso do período colonial, pode-se ver a categoria revolucionários com o maior destaque, tendo Tiradentes como seu expoente e único nome a se repetir, seguida por dois bandeirantes, dois soldados (representados em um só artigo) e um padre jesuíta.

Quadro 3: Distribuição dos Heróis Coloniais (cinco artigos, uma foto e uma capa)

<i>Heróis</i>	<i>Recorrência</i>	<i>Porcentagem arredondada</i>
Bandeirantes (Raposo Tavares e Anhanguera)	Um artigo e uma foto	25%
Religioso (Padre Anchieta)	Uma foto	12,5%
Revolucionários (Tiradentes 3x e Beckman)	Três artigos e uma capa	50%
Soldado (Henrique Dias e Vidal de Negreiros no mesmo artigo)	Um artigo	12,5%

O primeiro herói a aparecer na *Anauê!* é, também, o primeiro a ser analisado neste subcapítulo, mas a escolha se dá porque esse herói é um dos pioneiros na formação do Brasil idealizado pelos integralistas: o Padre Anchieta, reverenciado através de uma foto de uma pintura em azulejos publicada logo no primeiro volume da revista.

Figura 3



Anauê!, nº 1, s/ p., jan., 1935.¹¹

Pode-se ver Anchieta em destaque, catequizando um índio adulto sentado à sua frente enquanto é abraçado por uma criança indígena. Nesta página, o padre é apresentado como um

¹¹ Na legenda da foto, lê-se: “Detalhes do Cruzeiro Quinhentista, maravilhoso tryptico em azulejos, que descreve a Éra das Primeiras Penetrações em que avulta a figura do Padre Anchieta”.

dos protagonistas da “Era das Primeiras Penetrações”, ou seja, sua importância está ligada às primeiras formas de exploração do território nacional realizadas, principalmente, pelas missões jesuíticas. A importância desses primeiros contatos entre jesuítas e indígenas para os integralistas pode ser compreendida por duas razões complementares no pensamento de Plínio Salgado e na formação ideológica da AIB: o crescimento e fortalecimento do catolicismo protagonizado pelo Padre Anchieta e seus colegas jesuítas e o ímpeto de desbravar o extenso território que posteriormente formou o Brasil.

A valorização de uma figura do calibre de Anchieta dentro da Igreja Católica em nada surpreende se considerado que “A imagem de defensor do cristianismo, sempre foi a marca central em torno de Salgado, algo feito por ele próprio e pelos seguidores da doutrina” (GONÇALVES, 2012 p. 33) e que a presença de artigos, capas e imagens com fortes mensagens de cunho cristão foi uma constante dentro da trajetória da *Anauê!*. Então, era de se esperar que, dentre os heróis nacionais, acabasse-se por dar destaque a algumas figuras ligadas ao catolicismo.

Contudo, essa aparição não se explica apenas pelas raízes católicas do jesuitismo, pois o papel de Anchieta e da “Era das Primeiras Penetrações” podem ser facilmente ligados a um princípio de formação nacional ainda no começo da colonização portuguesa e do contato entre culturas e raças que levaria à miscigenação tão defendida pelos integralistas como formadora do Brasil. Essa perspectiva nacionalista de Salgado e da AIB que buscava a formação nacional em tempos remotos não é algo que tem espaço em estudos acadêmicos, como aponta Hobsbawm em *Nações e Nacionalismos desde 1780*, quando critica os estudos sobre nacionalismos pós Primeira Guerra Mundial e afirma que “As nações, sabemos agora (...), não são ‘tão antigas quanto a história’” (HOBSBAWM, 1990, p. 13).

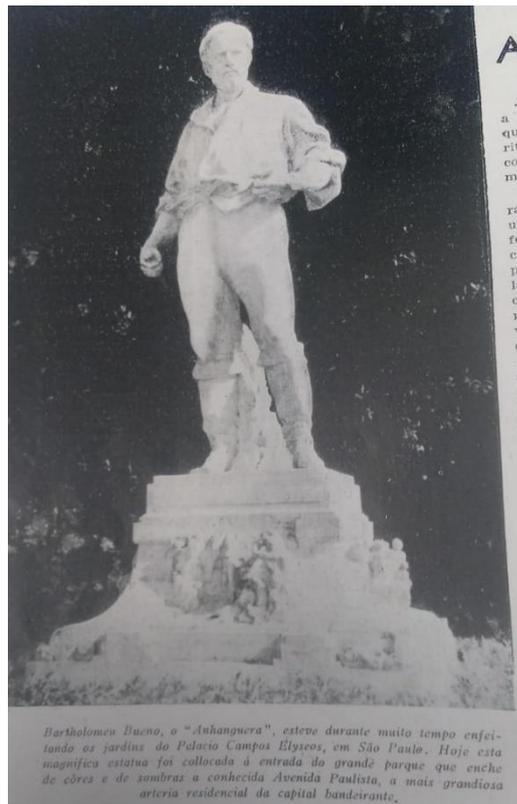
Porém, a visão integralista está bastante contrária a essa perspectiva apresentada pelo historiador, pois ela busca, justamente, um Brasil “tão antigo quanto sua história”, um Brasil que tenha suas origens ainda no período colonial e é neste momento que o Padre Anchieta ganha destaque. Nessa perspectiva, ao dialogarem com os indígenas e se embrenharem pelo país, os jesuítas fizeram um primeiro exercício de desbravamento do Brasil e de criação dessa nação, ao apresentarem o cristianismo aos indígenas.

Na sequência de Anchieta e da ordem jesuítica, os bandeirantes podem ser compreendidos como aqueles que concretizaram a tarefa da formação nacional e, exatamente

por isso, os próximos heróis a serem analisados são os dois bandeirantes presentes neste conjunto de fontes: Anhanguera e Raposo Tavares.

No capítulo anterior, analisou-se o papel dado por Salgado e a AIB ao bandeirantismo para a formação do país através do embate com a natureza selvagem, o desbravamento de novos territórios e a miscigenação das três etnias que teriam formado a perfeição da “sub-raça brasileira”. Essa função não será diferente nas fontes agora analisadas, portanto, não será desenvolvido teoricamente neste capítulo mais uma vez. Basta entender o bandeirantismo como o marco fundador da essência de ser brasileiro e, até mesmo, como uma espécie de consequência lógica das primeiras experiências jesuíticas que colocaram padres e indígenas em contato (SILVA, 2007, p. 70). Dado isso, pode ser iniciada a análise de como esses heróis bandeirantes foram representados na *Anauê!*.

Figura 4



Anauê!, nº 15, p. 18, jun, 1937.¹²

¹² Na legenda da foto, lê-se: “Bartholomeu Bueno, o ‘Anhanguera’, esteve durante muito tempo enfeitando os jardins do Palacio Campos Elyseos, em São Paulo. Hoje esta magnífica estatua foi collocada à entrada do grande parque que enche de côres e de sombras a conhecida Avenida Paulista, a mais grandiosa arteria residencial da capital bandeirante”

Além de apontar a localização, beleza e imponência da estátua em homenagem ao Anhanguera, essa foto e sua legenda trazem pouco para ser analisado neste trabalho, pois não apontam qualquer feito especial do homenageado. Contudo, há que se destacar ainda um ponto relevante na legenda da foto: a *Anauê!* descreve a nova localização dessa estátua, a Avenida Paulista, como “a mais grandiosa arteria residencial da *capital bandeirante*” [grifo meu], ou seja, liga o bandeirantismo diretamente à cidade de São Paulo, capital do estado onde nasceram Plínio Salgado, no final do século XIX, e a AIB, em 1932.

Essa importância da capital paulista como berço do bandeirantismo está relacionada a uma série de debates sobre a importância do estado para a Independência e a formação do Brasil, especialmente porque, em função da “decadência da economia agro-exportadora, São Paulo começa a ver a sua posição de liderança questionada, o que vai desembocar na Revolução de 30” (SILVA, 2007, p. 70). Salgado se insere nesse debate intelectual, dando protagonismo ao seu estado natal para a formação do Brasil e sua Independência, dialogando com autores como Oliveira Vianna, mesmo que discordando em algumas pautas dentro do tema. O que se explicita com a referência a São Paulo como “capital bandeirante” é a relevância dada por Plínio Salgado a sua terra natal em um momento de contestação à hegemonia paulista no Brasil, e também mais um indicativo de como as ideias que formam a base ideológica integralista não são completamente inéditas e estão em diálogo constante com outras intelectualidades brasileiras, especialmente aquelas nacionalistas, autoritárias, conservadoras e de extrema direita.

Já a presença de Raposo Tavares no décimo primeiro número da *Anauê!*, traz mais elementos textuais a serem analisados neste trabalho, extrapolando apenas os debates gerais sobre o bandeirantismo. O artigo intitulado “Poema das Bandeiras” se estende pelas três primeiras páginas da revista e é a transcrição de um texto publicado por Salgado em 1926 no jornal *Correio Paulistano*, ou seja, ele é bem anterior à formação da AIB e do conhecimento de Salgado sobre o fascismo italiano e seus planos de formar um novo partido político. Contudo, mesmo assim, o texto não traz elementos que se opunham aos ideais integralistas, já que um dos principais papéis da imprensa integralista era “garantir a imagem de uma unidade ideológica”, pois, enquanto um partido cujos princípios estavam baseados em ordem, hierarquia e respeito, “qualquer discordância de cunho ideológico ou doutrinário pode colocar em risco a própria existência do grupo” (OLIVEIRA, 2009, p. 212).

Feito todo esse preâmbulo introdutório, pode-se analisar efetivamente como se constrói a imagem desse grande homem chamado Raposo Tavares e identificar o que o torna digno do posto de herói nacional. No decorrer das três páginas do “Poema das Bandeiras” o elemento

que mais se destaca como virtude de sua personalidade é, certamente, a sua bravura indomável que se refletiu em seus grandes feitos em sua marcha pelo interior do continente americano, desbravando territórios desconhecidos e abrindo à força o seu caminho. Em sua marcha, esse grande bandeirante “Não se fez apenas caçador de índios, de ouro, de esmeraldas, porém, o Caçador de Mystérios, (...) desencantado as miragens e substituindo a beleza do irreal pela maravilhosa beleza de uma realidade superior ao próprio sonho” (*Anauê!*, nº 11, jul, 1936, p. 2), enfrentando o desconhecido, os “fantasmas das florestas” e as bravias tribos indígenas, descortinava o interior americano para o mundo.

Por fim, Salgado aponta que Raposo Tavares fora maior que Ulysses, todavia, jamais encontrara o seu Homero e por isso vivia no esquecimento tanto dos escritores brasileiros quanto da população geral. Chegando ao final do texto, explicita-se de vez a dimensão dos heróis nacionais para Salgado e a de Raposo Tavares, especificamente, como um dos formadores do Brasil ao apontar que “Raposo Tavares tem duas estatuas modestas em São Paulo (...) Todo o brasileiro deve ir vê-las, ao menos uma vez na vida, para, deante dellas, concentrar o seu pensamento pela Unidade Nacional” (*Anauê!*, nº 11, jul, 1936, p. 3). Na visão integralista, o bandeirante, portanto, merece o posto de grande herói nacional, maior até que Ulysses de Homero, por sua bravura indômita tê-lo levado a desbravar o interior do continente americano e, conseqüentemente, ter construído, ou, ao menos, começado a construir, o Brasil.

A partir das primeiras experiências jesuíticas no país, do bandeirantismo e da força de homens como Anchieta, Anhanguera e Raposo Tavares, o Brasil começava a surgir enquanto um país e, como já foi trabalhado no capítulo anterior, através da miscigenação, vai se formando a essência de brasilidade e o espírito do país e seu povo. Sendo assim, os heróis subsequentes à formação do Brasil já se inserem na lógica maniqueísta de Plínio Salgado baseada no conflito entre espírito e matéria, que se refletia na disputa entre o verdadeiro Brasil (o interior) e o estrangeiro (o litoral). Especificamente no caso dos heróis coloniais, essa lógica de pensamento se reflete na escolha de figuras que, de diferentes formas, lutaram diretamente contra a influência estrangeira no território nacional ainda antes do Brasil ter se tornado um Estado independente, provando a própria antiguidade e imponente da nação brasileira.

Começando a análise pelos soldados Vidal de Negreiros e Henrique Dias, o destaque aos dois se dá em um curto texto sobre a Batalha de Guararapes em que se destaca a importância da resistência brasileira à perigosa presença holandesa no litoral nordestino. Mas, em especial, se destaca o risco de uma possível repetição desta grandiosa batalha em um tempo não muito distante em que “Então não seria mais expulso o hollandez invasor, porém os novos hereges

que, a soldo de Moscou, ameaçam a soberania, a dignidade da Raça [brasileira]” (*Anauê!*, nº 3, ago, 1935, p. 47). Pode-se perceber com clareza a utilização dos heróis como exemplos a serem seguidos pela população e pelos militantes do Sigma, tal qual aponta Batista (2006): o povo pernambucano e brasileiro, os descendentes e herdeiros de Vidal de Negreiros e Henrique Dias, são convidados a repetir a força e os feitos desses nomes que marcaram pela força da espada e pelo amor à pátria o seu nome no rol de Grandes Homens da história nacional.

Além disso, também explicita-se nessa curta passagem da *Anauê!* um pouco dos ideais raciais de miscigenação tão prezados por Salgado e seus seguidores, já que um destes heróis era branco e o outro indígena. A revista indica que os descendentes dos dois, justamente aqueles que devem lutar contra o comunismo moscovita, “vibram, agora numa só alma, unidos aos irmãos de todos os quadrantes da Patria” (*Anauê!*, nº 3, ago, 1935, p. 47). É possível perceber que a escolha dessas duas figuras como principais nomes e representantes da resistência de Guararapes não é gratuita e ajuda a fortalecer o discurso de força da “raça brasileira” e também constrói uma relação fortíssima entre o episódio de Guararapes do século XVIII e o Integralismo do século XX, retratando os dois como “momentos de lutas pela afirmação nacional, sendo apresentados como episódios irmandados, apesar das distâncias temporais que os separavam” (SILVA, 2005, p. 80).

Os últimos dois heróis a serem analisados nesse subcapítulo se aproximam bastante de Henrique Dias e Vidal de Negreiros, por também terem lutado contra as influências estrangeiras e em defesa da nação – a única diferença que coloca-os em categorias separadas é o alvo dessa luta contra o estrangeiro. Enquanto os soldados lutaram contra a presença de holandeses no atual estado do Pernambuco em defesa do Brasil e fazendo com que o território voltasse a ser colônia portuguesa, os revolucionários Beckman e Tiradentes se colocaram contra os portugueses, tentando subverter a ordem colonial de alguma maneira e defender os interesses dos brasileiros em contraposição aos interesses da Metrópole.

Assim como no texto de Salgado sobre Raposo Tavares, Beckman é apresentado como um injustiçado, alguém que nunca recebeu um reconhecimento à altura de seus feitos, pois “Nem mesmo uma columna commemorativa do feito desse homem, collocada nas ruas de S. Luiz para lembrar ás gerações futuras a memoria daquelle que tudo fez pelo bem de sua patria, foi conservada” (*Anauê!*, nº 10, mai, 1936, p. 27). Estes feitos estiveram relacionados à resistência dos colonos do Maranhão às leis portuguesas que interferiam na escravidão indígena e os forçavam a reestruturar todo seu sistema de trabalho e de produção enquanto permitia aos jesuítas que estabelecessem um monopólio sobre essa mão de obra devido ao seu controle

espiritual sobre os indígenas. Essas condições de exploração e domínio de potências europeias sobre um Brasil em formação fizeram surgir o “nativismo, que em breve irromperia violentamente em toda a colônia, que muito contribuiu, aliado aos factores mencionados para aumentar o descontentamento geral” (*Anauê!*, nº 10, mai, 1936, p. 28). Esse novo elemento de identidade e unificação para os colonos ajuda a criar um clima de revolta e insatisfação geral dentro da província do Maranhão, e é a partir da descrição desse cenário convulsionante que o artigo introduz a inserção do herói nacional nessa revolta colonial:

Bastava, nesse ambiente super-excitado, um homem de intelligencia e de coragem que conseguisse arregimentar os elementos descontentes e desorientados, para que elle fosse o chefe de uma Revolução, já, ha muito, em estado latente. Este homem foi Manoel Beckman.

Portuguez, alemão, ou brasileiro, não importa; o facto é que elle soube, naquella momento de sofrimento e incertezas, interpretar o sentir da população do Maranhão, que, naquella hora, representavas o anhelos unanimes de todos os filhos oprimidos e espoliados da colônia.

A revolução que Beckman chefiou é um protesto embora indeciso dos filhos da America contra a prepotencia daquelles que só queriam do Brasil o ouro (*Anauê!*, nº 10, mai, 1936, p. 31).

Mais uma vez, pode ser claramente observada a importância do herói enquanto modelo a ser seguido e não é difícil associar Beckman e seu papel com a visão que os integralistas tinham de si mesmos. O nativismo e a convulsão social era algo que os integralistas já enxergavam no Brasil de seus tempos em função de processos como o tenentismo e as Revoluções de 30 e Constitucionalista.

Portanto, explicita-se como a escolha de heróis na *Anauê!* muitas vezes parece mais associada a uma formação ideológica em que a AIB se prova como solução para problemas sociais latentes no país a partir de um espelhamento dos feitos desses heróis nacionais. Todavia, as ações propriamente ditas desses “grandes homens” nem sempre são exploradas pelos colaboradores da revista, possivelmente para facilitar a conexão desse passado reconstruído a partir da visão de mundo maniqueísta com um presente representado como catastrófico e ameaçado por forças internacionais, e uma projeção utópica de futuro em que o sonho de libertar o Brasil das amarras internacionais seria finalmente alcançado através da Revolução Espiritual.

O último dos heróis do período colonial a ser aqui analisado é justamente aquele que mais se repetiu nos vinte e um números analisados da *Anauê!*: Tiradentes, um dos participantes da Inconfidência Mineira e escolhido, anos depois de sua morte, como um dos símbolos da luta pela Independência do Brasil. A idolatria a Tiradentes é a mais escancaradamente ligada à doutrinação dos leitores e militantes e à apresentação de Plínio Salgado e a AIB como a solução

para os problemas do país, tentando sempre conectar a importância e a luta dos inconfindentes com o projeto político nacionalista autoritário dos integralistas, utilizando-se de um “passado [que] ressurgiu em formatos variados com o objetivo de legitimar historicamente o Integralismo” (SILVA, 2005, 79), assim como se fez com o artigo sobre os heróis da resistência contra a presença holandesa no Nordeste.

A primeira das três referências a Tiradentes na *Anauê!* está num artigo intitulado “A Volta de Tiradentes”, lançado no oitavo número da revista, dividido em duas partes: uma sobre a Inconfidência de 1789 e outra sobre o Brasil em 1936, o ano do lançamento do artigo. Na primeira metade, é apresentado um Brasil marcado por muita desigualdade e com suas riquezas naturais, como o ouro e as esmeraldas, sendo exploradas pelos portugueses. Neste cenário de dificuldades e subserviência causadas pela influência estrangeira, “Tiradentes surge como a força impetuosa do gênio da raça, entrando violentamente na Inconfidência... Vibrante por convicção, naquela alma estava todo o sentimento de uma Pátria futura” (*Anauê!*, nº 8, abr, 1936, p. 24).

Apresentado como um trabalhador comum, além de representar a alma da nação e o espírito de revolta necessário para enfrentar a dominação estrangeira, Tiradentes também era “o desiludido da vida, o empregado, o dentista, o médico rudimentar, o observador, o alferes...” (*Anauê!*, nº 8, abr, 1936, p. 24), ou seja, alguém com quem qualquer brasileiro poderia se identificar e eleger como herói nacional, como exemplo de força e amor à pátria a serem espelhados em mesma intensidade.

A segunda metade se preocupa em introduzir um Brasil que, apesar de ter se libertado de Portugal, “caiu nas garras das forças judaicas do capitalismo. A sua riqueza formidável, a sua energia e o seu valor, tudo é consumido pelo estômago voraz dos inimigos do Brasil” (*Anauê!*, nº 8, abr, 1936, p. 24). Neste segundo cenário catastrófico, a esperança está depositada em uma nova Inconfidência: o Integralismo, pois “As aflições do passado, as palpitações do presente e os anseios do futuro se casam admiravelmente na camisa-verde” (*Anauê!*, nº 8, abr, 1936, p. 24). Para concluir o artigo, exalta-se a figura do Chefe Nacional integralista por sua impressionante capacidade de unir todo o país sob a bandeira do Sigma e conclui-se que “Plínio Salgado é o Tiradentes que volta às Alterosas depois de ter ligado todas as províncias ao coração da Pátria!” (*Anauê!*, nº 8, abr, 1936, p. 24).

O segundo artigo dedicado a Tiradentes foi lançado no décimo quinto número da *Anauê!* e tem diversas similaridades com o anterior, principalmente na tentativa de associação entre

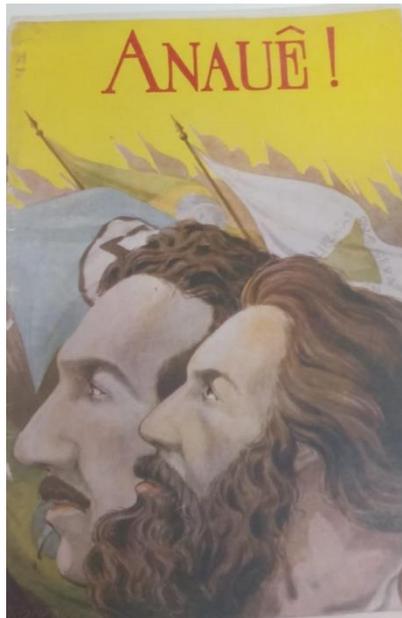
Integralismo e Inconfidência e na questão da luta contra a força exercida por interesses estrangeiros no Brasil. Mais uma vez, o inimigo dos integralistas nessa luta é o “banqueirismo judaico-internacional” (*Anauê!*, nº 15, abr., 1937, p. 62).

O foco deste artigo está menos na tentativa de apresentar o Integralismo como solução política para o Brasil e mais em homenagear Tiradentes e apontar suas qualidades enquanto homem íntegro que encarou a força por seu país e por seus companheiros, para que nenhuma outra gota de sangue fosse derramada na repressão à Inconfidência, duro papel que o mesmo encarou “forte, tranquilo e de cabeça erguida” (*Anauê!*, nº 15, abr., 1937, p. 62). E por essas grandes qualidades e o grande feito de morrer em nome da pátria “os integralistas às mesmas horas correspondentes às do supplicio delle em 1792, (...) postaram-se deante martyr, ornamentaram-na com flores e ergueram os tres anauês do nosso ritual, como fazemos a todos camisas-verdes que partiram á nossa frente, para habitar na região dos Eleitos” (*Anauê!*, nº 15, abr., 1937, p. 62).

A busca pela associação política com a Inconfidência está presente nesse artigo, mas seu caráter doutrinário central está na utilização do herói nacional enquanto exemplo para os militantes. Tendo especial dimensão para dar coragem e foco aos integralistas em um ano importante como 1937, quando a imprensa integralista se reorganizou para buscar a vitória da AIB nas eleições que seriam disputadas em 1938. As diferenças entre esses dois artigos explicitam como o culto aos heróis na *Anauê!* podia adotar diferentes formas e aparentar distintas intenções, embora, o caráter doutrinário de formação política e fortalecimento do partido mostra-se uma constante mesmo assim.

Por fim, a última fonte dentro do conjunto de heróis do período colonial é a capa do antepenúltimo número da *Anauê!*, em que Salgado e Tiradentes aparecem lado a lado com as bandeiras da AIB, do Brasil e da Inconfidência ao fundo. A intenção dela e a mensagem que passa está muito ligada àquela veiculada no artigo do oitavo número da revista, equiparando integralistas e inconfidentes, especialmente através das duas principais figuras desses movimentos. Com isso, a principal intenção da *Anauê!*, cada vez mais próxima da disputa eleitoral de 1938, era apresentar o Chefe Nacional como um redentor e um herói nacional capaz de salvar o país de suas mazelas sociais e de romper de vez com as correntes impostas pelo materialismo internacional. Corroborando, assim, a interpretação de Rogério Souza Silva (2005) de que uma das principais funcionalidades da *Anauê!* era fortalecer a figura de Plínio Salgado como herói redentor, apresentando origens profundas na história do país.

Figura 5

*Anauê!*, nº 20, out., 1937, capa.

2.4 Os heróis do Império: a consolidação do Brasil a partir dos imperadores e do Exército Brasileiro

Mais uma vez, é interessante conferir de forma mais quantitativa a distribuição dos heróis do período imperial e da Independência do Brasil antes de iniciar uma análise mais detalhada dos artigos da *Anauê!*:

Quadro 4: Distribuição dos Heróis da Independência e do Império

<i>Heróis</i>	<i>Recorrência</i>	<i>Porcentagem arredondada</i>
Artista (Carlos Gomes)	Um artigo	7,14%
Imperador (D. Pedro I e D. Pedro II)	Dois artigos	14,28%
Político (Couto de Magalhães, José Bonifácio e Feijó)	Três artigos	21,42%
Religioso (D. Vital)	Um artigo	7,14%

Revolucionária (Anita Garibaldi)	Um artigo	7,14%
<i>Self-made-man</i> (Barão do Mauá)	Um artigo	7,14%
Soldado (Duque de Caxias, duas vezes, Barão do Amazonas, duas vezes, e Visconde do Magé)	Cinco artigos	35,71%

Uma questão sobre os heróis desse período é que mais de 70% deles estão diretamente ligados ao Estado Brasileiro que se formou e se consolidou justamente nessa época, a partir do rompimento político com a Metrópole portuguesa. Soldados, políticos e imperadores somam oito personagens diferentes e apresentam dois pontos que valem ser destacados: a importância dada pelos integralistas ao período imperial e como esta está diretamente ligada à consolidação do Estado Brasileiro e à busca pela unidade nacional que teve essas figuras como protagonistas. Essa abundância de heróis imperiais é destacada pelos próprios integralistas em um dos artigos em que se elogiou o Duque de Caxias e foi apontado que “O imperio foi afortunado de homens. A Republica até hoje não conheceu essa abundancia de valores de elite que se registrou na época imperial (...) o caso é que na phase monarchica o numero de homens superiores, principalmente no plano politico, foi consideravel” (*Anauê!*, nº 22, dez., 1937, p. 14).

Apesar dessa reverência ao período imperial, nem Salgado nem a AIB podem ser considerados como monarquistas porque, por mais críticas que tivessem ao modelo da democracia liberal e à experiência republicana brasileira, nunca tiveram como plataforma de governo uma proposta que rompesse de fato com um modelo republicano e implementasse um retorno, mesmo que modificado, à monarquia.

Entretanto, também é inegável que, para construir as bases ideológicas do Integralismo, Plínio Salgado inspirou-se em diversos movimentos políticos e filósofos a partir de “diversas fontes, sejam elas nacionais, europeias ou provenientes de outras nacionalidades. Entre estas influências esteve a teoria da AIPB” (CAZETTA, 2016, p. 244). No caso, a AIPB trata-se da Ação Imperial Patrianovista, um movimento de “organização neomonarquista católica e corporativista. Foi fundado em 1928, com a finalidade de restaurar a monarquia tradicional, isto é, um regime que deve se apoiar sobre o Rei, a Igreja Católica e as corporações medievais” (TRINDADE, 1977, p. 122), cujo principal líder, Arlindo Veiga, fez parte da Sociedade Estudos Políticos (SEP) – a qual foi utilizada por Plínio Salgado como uma etapa preparatória para angariar pensadores políticos e depois fundar a AIB. Portanto, não é nenhum absurdo pensar que existem diversas influências monarquistas e de amor ao período imperial brasileiro nas bases ideológicas do Integralismo, em especial com relação ao pensamento de Salgado.

Plínio Salgado e Arlindo Veiga tinham pontos de convergência entre os seus ideais e os de seus movimentos pois ambos “pertenciam à mesma geração da intelectualidade paulista e por isso há uma aproximação na década de 1920” (GONÇALVES, 2012, p. 219). Sendo assim, compartilham de referenciais semelhantes e acabam se influenciando mutuamente, especialmente ao conviverem na SEP. Visto isso, pode-se perceber como principal ponto em comum entre esses pensadores e os seus movimentos políticos o destaque dado ao catolicismo dentro da política. Um dos pontos de origem para essa importância do catolicismo se entrelaça com um dos heróis imperiais presentes na *Anauê!*: o Dom Vital, não por coincidência, um religioso católico. No penúltimo número da revista, de novembro de 1937, um breve texto serve como uma nota de apoio às homenagens feitas ao Dom Vital pelo território nacional e também aproveita para elogiar o religioso ao apontar que ele

foi um homem-symbolo, um homem que separou duas idades no Brasil, a idade da fraqueza, da indecisão, do indifferentismo, do receio, do medo de desagradar, da idade da coragem, da atividade do espírito, da energia, da fortaleza christã na luta contra o erro, contra a hypocrisia, contra a impiedade (*Anauê!*, nº 21, nov, 1937, p. 44).

Dom Vital, portanto, é apresentado como alguém que inaugurou uma nova era na história brasileira através de sua atuação religiosa, e isso justamente em um período histórico em que Estado e Igreja ainda se confundiam e o catolicismo era a religião oficial brasileira com funções estatais importantes. Por essas razões, Dom Vital deu nome a um dos grupos da chamada “Reação Católica” à Proclamação da República no Brasil que, a partir da década de 1920, ofereceu alternativas políticas à república liberal que tirara parte do protagonismo político e social do catolicismo e tentou “retirar a intelectualidade católica da passividade quanto aos assuntos da Igreja, desde a proclamação da República no Brasil” (CAZETTA, 2016, p. 192).

O Centro Dom Vital, junto de outros grupos conservadores católicos que inspiraram a AIB e a AIPB, foram formados por uma elite intelectual de extrema direita¹³ que tentou consolidar uma “organização católica antiliberal e anticomunista, [em que] os preceitos da

¹³ Compreende-se, neste trabalho, esta intelectualidade católica conservadora enquanto uma elite intelectual de extrema direita por entender que seu extremismo se desenhou a partir da perda de espaço desses grupos com a laicização do Estado na Primeira República. Sendo assim, um grupo social que, tradicionalmente, se via como líder do jogo político se viu excluído do mesmo, o que configura a compreensão de extremismo de direita apresentada por Bobbio, Matteucci e Pasquino seu *Dicionário de Política*: “Existe um tipo de Extremismo convencionalmente considerado como de direita, emanação direta de classes e categorias sujeitas a uma repentina perda de status e de condição e a uma drástica redução da sua influência política. É o Extremismo daqueles que, “em outros tempos, foram possuidores” e cujo comportamento político está voltado para a defesa a todo custo e/ou para a reconquista das suas tradicionais prerrogativas político-sociais. O comportamento extremista destes grupos se concretiza historicamente no surgir de movimentos e partidos portadores de uma práxis eversiva e violenta, que rejeitam os vínculos formais da transformação do conflito em controvérsia, próprios da tradição parlamentar” (BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO, 1998, p. 458).

doutrina social da igreja passaram a ser o suporte de desenvolvimento do grupo” (GONÇALVES, 2012, p. 218). Mais uma vez, explicita-se como as ideias de Plínio Salgado não estão descontextualizadas da realidade brasileira e dos debates nacionais e internacionais de extrema direita, assim como a escolha dos heróis nacionais vai ser bastante marcada por esse contexto e influências. A relação entre essa homenagem ao Dom Vital na *Anauê!* e o Grupo Dom Vital talvez seja nominalmente a mais clara e óbvia, mas a escolha dos soldados, políticos e imperadores como principais heróis nacionais do período imperial também está relacionada com essa Reação Católica brasileira e com certa simpatia integralista com ideias da AIPB.

Além da forte relação que havia entre Estado e Igreja no tempo imperial, as principais realizações do Império Brasileiro que fazem os seus heróis ganharem tanto destaque dentro da *Anauê!* parecem ser: o rompimento político com Portugal, e a posterior consolidação do Estado Brasileiro garantindo a unidade territorial sem perder terras para as revoltas regenciais ou para países estrangeiros (à exceção da Cisplatina que jamais foi citada na revista) e certa centralidade política e administrativa alcançada no período. Em ordem cronológica, excetuando o já discutido Dom Vital, os três primeiros heróis desse conjunto de fontes são Dom Pedro I, José Bonifácio e Visconde do Magé; cada um deles representante de uma das categorias mais citadas neste capítulo. Eles ganharam o seu posto como heróis para os integralistas devido aos seus papéis dentro do processo de Independência do Brasil.

Dom Pedro I e José Bonifácio são, em seus respectivos artigos, apresentados como líderes da Independência, capazes de angariar simpatizantes para a causa pelo território nacional e de organizar o rompimento com Portugal justamente por suas habilidades e competências. O primeiro imperador do Brasil é descrito como um “grande politico, authentico homem de Estado, na mais lidima accepção da palavra” (*Anauê!*, nº 20, out., 1937, p. 25) enquanto Bonifácio é apresentado como um homem “sabio, poeta e estadista (...) [que] Foi o verdadeiro organizador do Imperio” (*Anauê!*, nº 20, out., 1937, p. 50). Cada um dos textos tenta reivindicar o posto de protagonista para o seu homenageado, mas, independentemente de qual seja o “verdadeiro gênio articulador da Independência”, é bastante claro que os dois nomes têm importância fundamental para a interpretação integralista.

Também se explicita nesses textos a relevância que a *Anauê!* dava para esses temas enquanto uma maneira de se falar sobre o presente a partir de personagens do passado. Isso se destaca no final do texto em homenagem ao imperador que se encerra com os dizeres: “Mais do que nunca, é tempo dos brasileiros se unirem para effectuar a libertação completa e definitiva da Patria. Confiemos em um novo genio politico que nos commande e lancemos um novo

“Independencia ou Morte”. E vamos á aventura.” (*Anauê!*, nº 20, out., 1937, p. 27). O que deixa clara a mensagem política de romper com as forças estrangeiras em tempos próximos às eleições presidenciais, e mesmo que Salgado não estivesse ali associado diretamente, a mensagem de apoio a ele está claramente subentendida.

O último dos heróis da Independência é o soldado Visconde do Magé, tio do Duque de Caxias, que teve importante papel nos conflitos armados que se deram entre as “tropas imperiais” e o exército português na Bahia entre 1822 e 1823. No artigo, são narrados diversos episódios do conflito, apontando alguns dos feitos de bravura e inteligência do herói em questão e de outros companheiros, assim como se destacou aspectos da vida do Visconde do Magé antes e depois da Independência. Para a *Anauê!*, “7 de Setembro confirmara a Independencia e 2 de Julho a solidificava definitivamente” (*Anauê!*, nº 18, ago., 1937, p. 39). Evidenciando como a luta armada seria fundamental para consolidar as conquistas alcançadas no plano político, mostrando também uma espécie de indicativo sobre a preponderância que a Revolução tinha para os integralistas e como as ideias de tomar o poder pela força nunca foram abandonadas completamente – tal qual se comprovou no ano seguinte com os dois levantes integralistas que enterraram de vez o movimento para a ilegalidade e a perseguição política durante o Estado Novo.

Concluída a Independência, o Brasil precisava se consolidar enquanto Estado centralizado e fazer valer sua existência enquanto país a partir da solução do “problema nacional”, em consonância com os debates que tinham força desde o final do século XIX, e acreditavam que “a solução para ultrapassar os obstáculos que impediam o pleno desenvolvimento brasileiro passaria pela discussão da questão da unidade da nação” (BATISTA, 2006, p. 33). Os heróis que melhor atendem a esses objetivos são o político Feijó, o imperador Dom Pedro II e os soldados Duque de Caxias e Barão do Amazonas que, através das suas distintas atuações, garantiram que o Brasil não se desmembrasse durante o período imperial nem tivesse territórios tomados por forças invasoras.

Poucos anos depois de ter sido o principal rosto da Independência, Dom Pedro I abdicou do trono sem que seu herdeiro tivesse idade para assumir seu lugar e, assim, teve início o período das regências que, para os integralistas, “foi uma triste experiência republicana, e por isso, foi justamente a época em que medraram as ambições desenfreadas dos homens, em que a Patria mais soffreu e em que os terremotos revolucionarios foram contínuos e terríveis” (*Anauê!*, nº 6, jan., 1936, p. 9). Nesse momento de adversidades da história brasileira, Feijó surge como um “fanatico da ordem e da disciplina [que] só teve um programma, que cumpriu

religiosamente: – implantar ordem onde reinava a desordem” (*Anauê!*, nº 6, jan., 1936, p. 9). Através da sua atuação como regente, garante a ordem e o funcionamento do país, barrando as lutas por autonomia política e econômica das províncias e criando as condições necessárias para que Dom Pedro II, posteriormente, pudesse assumir o trono enquanto imperador.

Para além da exaltação à capacidade de Feijó como político, também é muito relevante pensar como o papel do revolucionário nesse contexto muda completamente daquele que tinha sido visto no subcapítulo anterior. Se, anteriormente, os revolucionários se voltavam contra a autoridade portuguesa e em nome do Brasil, agora os revolucionários se posicionam contra o seu país e em nome de regionalismos que só traziam desunião ao Brasil. O revolucionário deixa de ser um agregador e bastião da nacionalidade e passa a representar um risco para a união nacional e para o crescimento do Império.

O segundo e último imperador do país recebeu um artigo em sua homenagem, intitulado “Dívida Sagrada”, logo no segundo número da *Anauê!* em maio de 1935. Neste texto fica bastante claro como a relação dos integralistas com os seus heróis estava fortemente ligada à noção de devoção e respeito às grandes figuras do passado. Nas três páginas do artigo, uma e meia são dedicadas a apresentar leis da República que deveriam garantir o respeito ao imperador deposto e a garantir que ele tivesse uma boa vida em seu exílio – mas que nunca foram aplicadas segundo os integralistas – e também leis sobre como o corpo e as homenagens ao imperador deviam ser feitas após sua morte. Todavia, é logo no primeiro parágrafo do texto que a relação da AIB com seus heróis e com a própria monarquia acaba ganhando contornos mais claros e definidos:

Grande Dom Pedro! Não te deixaram morrem em tua Patria. Tiraram-te a corôa. Arrancaram-te o sceptro da mão. Envolharam-te o nome. Tu, porém, maior no soffrimento do que no fulgor dos grandes dias do teu Imperio, immortalisaste, como suprema vingança, nos versos do exilio, a grande Nação que havias ajudado a construir. Ella hoje te venera e se orgulha de ti. Cultua as tuas virtudes a aprende as tuas lições. Está com a razão o Conde de Affonso Celso: - O brasil tem mesmo para contigo uma divida sagrada.

A devoção ao Dom Pedro II se estabelece em função da grandeza que o Brasil alcançara durante seus anos de governo, atingidos pela fundamental união nacional estabelecida a partir da regência de Feijó. O estabelecimento da República no Brasil vai marcar a ingratidão às figuras adoradas pelo Integralismo e também a dissolução da questão nacional em função do federalismo e da força obtida pelas oligarquias regionais dentro dessa “Democracia Liberal”, tão condenada por Salgado.

O último imperador brasileiro desponta não só como alguém que soube governar o país sem permitir que ele fosse rachado pelos interesses regionais, mas também pelo “soffrimento” apontado no agradecimento a ele publicado na revista. O final trágico de um imperador que tanto fez pelo país, mas teve que morrer no exílio em outro continente, aumenta a dramaticidade da história narrada pelos integralistas, mas também fortalece o sentimento cristão de que a dor pode levar à redenção. Caso houvesse alguma mácula ou defeito na vida deste grande homem, um final de vida sofrido e sem o reconhecimento merecido torna-o ainda mais merecedor de admiração e respeito.

Os últimos heróis a consolidarem a soberania e a unidade nacional brasileira são os dois soldados que somam dois artigos a seu respeito cada: Duque de Caxias e Barão do Amazonas. O primeiro, contudo, também tem uma citação a seu respeito dentro do artigo em homenagem ao Feijó que pode ajudar a entender a importância de cada um deles para a construção do Brasil no século XIX: “Ele (Feijó) no governo, principalmente como Ministro da Justiça. Evaristo na imprensa e Caxias no exercito, são guardas sempre vigilantes e attentos da nacionalidade” (*Anauê!*, nº 6, jan., 1936, p. 9).

Duque de Caxias, portanto, assume o posto de “vigilante da nacionalidade” e exerce tal função ao reprimir as revoltas regenciais (apontadas nesse mesmo texto sobre o Feijó, não por coincidência) e pela vitória na Guerra do Paraguai, reafirmando a força do Brasil sobre a América do Sul. Mas além da formação do Brasil e a valorização da unidade nacional dentro do Império, Duque de Caxias, nas páginas da *Anauê!*, prova ser um ótimo caso da valorização dos heróis como exemplos de vida para Salgado e os integralistas. No primeiro artigo dedicado inteiramente ao seu respeito, o general é descrito ao leitor como:

a mais bella biografia da Historia de nossa Patria; a sua vida foi uma vitória continua, (...) ele sintetizou a fortaleza de uma raça invicta e as grandezas morais de um povo forte; foi bravo e leal, foi destemido e generoso (...) Por Deus foi crente e religioso, não esquecendo no furor das batalhas o altar de suas orações, foi bravo e victorioso, consolidando o Imperio e cobrindo de glorias o Brasil; pela Familia foi generoso e bom, vencendo para a alegria do seu e para a felicidade dos seus (*Anauê!*, nº 4, out., 1936, p. 60).

É possível perceber que estão encarnados na figura do Duque de Caxias os principais valores defendidos por Salgado e pela AIB, fazendo dessa construção do herói como um reflexo perfeito daquilo que os leitores e os militantes deveriam adotar para sua vida. A partir da utilização de uma figura de enorme peso, a *Anauê!* apresenta padrões ideológicos e de comportamento e também mantém o seu discurso racial de superioridade e predestinação do

Brasil à grandeza. No outro texto a seu respeito, publicado no último número da revista, esses valores estão igualmente em destaque, visto que o Caxias foi o “General dos generaes, elle foi a synthese da bravura brasileira, o commandante predilecto de todos os soldados e commandantes” (*Anauê!*, nº 22, dez., 1937, p. 14). Essa perspectiva da “síntese da bravura brasileira” é muito significativa para pensar a apresentação desses grandes homens na *Anauê!*, pois é a este serviço que eles acabam servindo: fazer um “resumo” do melhor que a raça brasileira tem a oferecer e assim servir de espelho para a população, a partir da mediação dos integralistas que deveriam conduzir o país para a Quarta Humanidade, tendo a imprensa partidária como uma das principais ferramentas para tal objetivo.

O outro soldado apresentado como herói do período imperial é o Barão do Mauá que também se consolidou enquanto grande vulto a partir de sua atuação na Guerra do Paraguai. Justamente por sua atuação como comandante de tropas nesse e em outros grandes conflitos, suas características exaltadas pela *Anauê!* passam por sua “estatura acima do regular, porte erecto, robusto, tez morena, (...) voz sonora e volumosa; impassível, sereno e majestoso era elle naquelle momento tragico e decisivo, um symbolo; sua atitude já por si um exemplo e uma ordem” (*Anauê!*, nº 17, jul., 1937, p. 6).

Provando o seu valor e colocando todas suas virtudes em prática na “Batalha do Riachuelo” retratada no segundo artigo a seu respeito, publicado na mesma revista que o primeiro em que “O Heroe de ‘Riachuelo’” tinha sido apresentado aos leitores. Nessa batalha, foi destroçada a força fluvial de Solano Lopez e “O Paraguai perdeu de vez o controlo de suas aguas. A navegação, do estuario platino e dos rios que o formam ficou nas mãos do Brasil. Dêsde êsse momento, a sorte da guerra estava traçada” (*Anauê!*, nº 17, jul., 1937, p. 57). Assim, o triunfo das forças brasileiras se mostrava garantido, consolidando a força do país e sua capacidade de resistir aos interesses estrangeiros que quisessem interferir em seu território, a partir da atuação dos grandes homens.

Os restantes heróis nacionais do período parecem um pouco mais deslocados dessa lógica da constituição do Brasil a partir da força estatal centrada no imperador e no seu exército, todavia, é possível perceber alguns aspectos importantes da ideologia de Plínio Salgado se refletindo na retratação deles.

A primeira, em ordem de lançamento das revistas, a aparecer é a única mulher representada como heroína entre as fontes analisadas. No segundo número da *Anauê!*, um artigo chamado “Grande Exemplo!” discorre sobre a revolucionária Anita Garibaldi e, à primeira

vista, parece apresentar uma grande contradição com os heróis anteriores já que, enquanto aqueles lutaram pela fortificação da nação e sua união, a catarinense envolveu-se numa guerra civil que pretendia desmembrar parte do Brasil para construir um novo país¹⁴. Porém, a figura desta heroína serve para ilustrar outro ponto importante da ideologia integralista: o do papel da mulher.

Não se cita no texto qualquer intenção separatista dos Farrapos, assim não fortalecendo qualquer discurso que vá contra a união nacional, e se afirma que a heroína era “No recesso do lar meiga e carinhosa, firme e decidida no campo de luta!” (*Anauê!*, nº 2, mai., 1935, p. 34). Ao mesmo tempo que o artigo mostra a força e a bravura desta grande mulher, se destaca com frequência seu relacionamento com Giuseppe Garibaldi e todo o amor e devoção que a mesma destinava ao seu amado. A mulher ideal no Integralismo é apresentada, portanto, como importante para a revolução e a vitória da AIB, mas precisando manter sempre o seu papel de esposa de devoção ao esposo.

Outros dois artigos desenvolvem bastante bem a intenção dos integralistas de apresentarem uma origem antiga e cravada na história do Brasil, fazendo o poder “brotar das origens do passado”, como aponta Rogério Souza Silva (2005). Nesta perspectiva, a *Anauê!* apresenta alguns heróis cujos feitos pareceram “prévias” da atuação integralista de diferentes maneiras. O artigo sobre o músico Carlos Gomes é que melhor escancara essa tentativa. No começo desse texto, a *Anauê!* disserta sobre como os integralistas estão cansados da moral e da estética europeia, seja na política ou nas artes e depois, enfim, apresenta aos leitores o herói em questão:

Carlos Gomes foi calunniado pelos mesmos que hoje calunham o Integralismo; chamando-o plagiário; Carlos Gomes foi perseguido pelos mesmos que hoje perseguem o Integralismo; Carlos Gomes foi negado por essa mesma imprensa que hoje nega o Integralismo; Carlos Gomes pertence ao numero dos profetas anunciadores do Movimento do Sigma (*Anauê!*, nº 11, jul., 1936, p. 16-17.)

É possível já perceber a identificação dos inimigos do Sigma na realidade brasileira do século XIX, construindo tanto uma forte relação com o herói eleito como representante dos integralistas no império brasileiro quanto com os mesmos inimigos de sempre que continuam

¹⁴ É de conhecimento acadêmico e em diversos setores sociais que a Guerra dos Farrapos esteve muito mais ligada aos interesses da elite produtora de charque do que aos ideais liberais que pretendiam criar uma nova e livre nação. Entretanto, é difícil imaginar que os integralistas tivessem uma visão de Anita Garibaldi ligada a essa interpretação do conflito, por isso escolhe-se por não abordar esse debate. Também porque, mesmo sem que tivessem prevalência as intenções separatistas, a guerra civil se deu para defender os interesses de uma região específica do Brasil.

atormentando aqueles que tentam construir um novo Brasil, mesmo que seja a partir da arte, como tentou Carlos Gomes.

E foi a partir dessa luta pela construção de um Brasil que rompa com os ideais europeus e desenvolva sua identidade internamente que Couto de Magalhães ganhou a sua relevância e também se mostrou uma “prévia” de ideais que surgiriam no século seguinte. Couto de Magalhães foi político no centro-oeste brasileiro e foi uma das importantes figuras da exploração do interior brasileiro, atuando tanto na política quanto na produção intelectual. Nesse sentido, para a *Anauê!*, ele “É um apoio onde se pode firmar para os mais vigorosos impulsos no sentido da construção brasileira” (*Anauê!*, nº 22, dez., 1937, p. 14). Ele também é apresentado como alguém “que rompeu novos horizontes para o nosso brasileiro, nesse homem sem dúvida residiu antecipadamente, o ideal do Brasil Novo. O descobridor da alma do indígena é um vanguardaieiro formidável na nossa marcha” (*Anauê!*, nº 22, dez., 1937, p. 14), ou seja, mesmo sem fazer-se uma associação direta e explícita entre o pensador e a AIB, é claro o discurso de que ele seria um homem à frente do seu tempo e poderia ser visto como uma espécie de antecipação do Integralismo.

2.5 Os heróis do período republicano: a aproximação entre integralistas e Getúlio Vargas antes do golpe do Estado Novo

Neste subcapítulo, está a menor quantidade e variedade de heróis em função da curta duração do período republicano que tinha se iniciado menos de quarenta anos antes do lançamento do primeiro número da revista, mas também em razão das diversas críticas dos integralistas à experiência republicana brasileira que dificultava que se encontrasse grandes virtudes nos políticos e homens do período.

Quadro 5: Distribuição dos Heróis da República (uma foto e cinco artigos)

<i>Heróis</i>	<i>Recorrência</i>	<i>Porcentagem arredondada</i>
Artista (Ramos de Azevedo)	Uma foto	16,67%
Imperador (Pedro Henrique, “herdeiro” do trono)	Um artigo	16,67%
Político (Getúlio Vargas duas vezes)	Dois artigos	33,33%
<i>Self-made-men</i> (José Antônio Granado e Napoleão Reys)	Dois artigos	33,33%

A primeira categoria que chama a atenção é a proeminência dos *self-made-men* enquanto heróis nesse conjunto de fontes. Ela já tinha aparecido anteriormente, mas com muito menos destaque, tendo apenas o Barão do Mauá representando pouco mais de 7% dos heróis imperiais. Esses três heróis, tanto o imperial quanto os dois republicanos, causam um primeiro estranhamento porque este é um modelo de masculinidade e de ideal de vida fortemente atrelado à ideologia liberal de valorização do trabalho em que para que um homem tivesse legitimidade “sua masculinidade devia ser demonstrada e provada no mercado. Ele era um empresário urbano, um homem de negócios, um *homme d'affaires*” (KIMMEL, 1998, p. 111).

O *self-made-man* deveria ser um homem que se faz sozinho e cuja distinção está ligada ao seu trabalho e ao sucesso alcançado através dele. O que denota um profundo individualismo que contrasta bastante com as ideias de Salgado e seus seguidores. Contudo, é possível perceber, na construção da imagem desses homens, uma questão central que acaba colocando-os como heróis nacionais apesar de serem homens cujos grandes feitos foram individuais e alcançados através do trabalho: o amor à pátria e devoção ao país.

No texto sobre o Barão do Mauá, extraído de um livro de Plínio Salgado e publicado no décimo oitavo número da *Anauê!*, é retratada a trajetória de vida do industriário brasileiro até alcançar o seu sucesso econômico. No final do texto, se apontam alguns feitos dele pelo seu país como a iluminação do Rio de Janeiro, além disso, o artigo encerra afirmando que “O Barão de Mauá soube lutar e vencer e soube amar o Brasil”.

Outro trabalhador de sucesso destacado é Napoleão Reys, que, através de muito estudo e esforço, se tornou um grande professor e, posteriormente, diplomata e também fez muito pelo seu país, doando para casas de caridade e bibliotecas. Segundo o artigo, “Napoleão Reys terá doado aos brasileiros nestes 40 anos de sua passagem pela capital, ou seja, uma média de 10:000\$000 por anno” (*Anauê!*, nº 4, out., 1935, p. 51), provando o seu altruísmo e seu amor ao país por tirar do próprio bolso para fazer o bem dos brasileiros.

Esses dois artigos indicam como o nacionalismo era fundamental para a ideologia integralista, conseguindo fazer com que a *Anauê!* fizesse certa vista grossa para uma possível mensagem “liberal” que acabasse sendo propagada por esses textos. Mas é importante destacar que dentro da produção da imprensa integralista o antiliberalismo nunca teve importância sequer próxima do anticomunismo – que era um dos principais temas da imprensa integralista por conseguir atrair a simpatia de muitos leitores e militantes (OLIVEIRA, 2009, p. 212) –,

então, a referência positiva a alguns *self-made-men* causa muito menos estranhamento do que alguma simpatia ao comunismo.

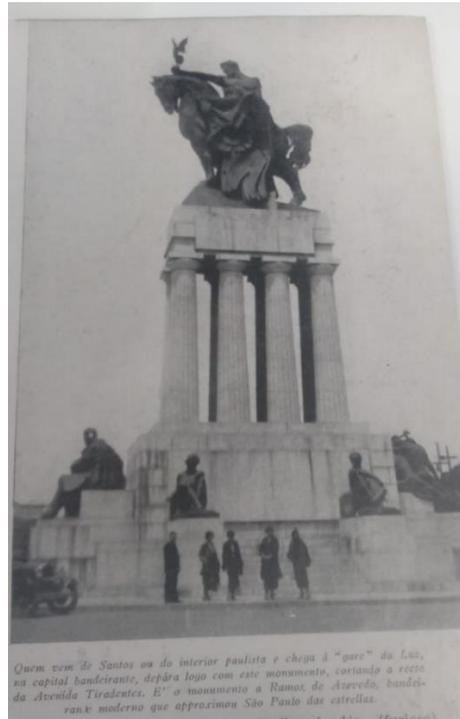
O último dos artigos sobre homens que se fizeram sozinhos parece muito mais ser um artigo pago pela “Casa Granado”, uma rede de farmácias brasileira, para homenagear e promover o seu fundador do que um texto como os outros sobre heróis nacionais da revista, então não há muito o que analisar nele neste trabalho.

A presença de um “imperador” apresentado como herói nacional em pleno período republicano também é algo que chama atenção, mas, levando em conta as aproximações entre a AIB e grupos monarquistas, em especial a AIPB, tudo faz mais sentido. O grande homem em questão trata-se do suposto herdeiro do suposto trono brasileiro, Pedro Henrique Felipe Maria de Orleans e Bragança e o artigo ao seu respeito foi publicado no quarto número da *Anauê!* em função de seu aniversário.

Deste texto cabem salientar as referências diretas do periódico ao patrianovismo da AIPB, a preocupação em apresentar que muitas ideias do Estado Corporativo dos patrianovistas eram muito relevantes e próximas do Integralismo e a afirmação de que “A logica mandaria que todos os Patrianovistas se fizessem integralistas uma vez que mais facil seria, após a instalação do Estado Integral o advento do Imperio”, pois “Pelo menos já um grande passo estaria dado: - o Estado Corporativo” (*Anauê!*, nº 4, out., 1935, p. 42). Além disso, o texto aponta que o “herdeiro” do trono brasileiro chegou a concluir seus estudos de Direito Administrativo e Economia na Itália sob convite pessoal de Benito Mussolini e, ao continuar seu debate sobre a possível aliança entre Estado Integral e retorno da monarquia se questiona da aplicabilidade desse plano, visto que “reina na Italia Victor Emanuel em pleno regime fascista” (*Anauê!*, nº 4, out., 1935, p. 42).

A homenagem ao arquiteto Ramos de Azevedo não revela nada de muito novo além da referência ao bandeirantismo do século XX e do valor dado à monumentalização dos heróis nacionais.

Figura 6



Anauê!, nº 15, mai., 1937, p. 19.¹⁵

Ramos de Azevedo, no caso, foi um arquiteto paulista que nasceu em 1851 e faleceu em 1928 e foi responsável por algumas importantes construções da cidade, entretanto, a escolha dos editores da revista não passou por apresentar qualquer uma das suas obras e sim por associá-lo ao bandeirantismo latente da “capital bandeirante”. Além disso, a notoriedade dada ao grande monumento em sua homenagem também destaca como é fundamental devotar e louvar os heróis nacionais que ajudaram a construir a nacionalidade. Esse destaque aos monumentos e às festas em função de efemérides é algo presente em diversos dos artigos e fotos analisados até agora e está bastante atrelado ao culto de personalidade que era tão importante para a AIB.

O último herói nacional a aparecer no último número da revista *Anauê!* foi justamente o personagem político que causou o fim das atividades da mesma: o Presidente da República Getúlio Vargas. Em sua vigésima segunda publicação, em dezembro de 1937, a revista dedicou partes de dois de seus artigos para demonstrar o respeito, a admiração e a parceria entre a AIB e o presidente.

¹⁵ Lê-se na legenda: “Quem vem de Santos ou do interior paulista e chega à “gare” da Luz, na capital bandeirante, depára logo com este monumento, contando a recta da Avenida Tiradentes. É o monumento a Ramos de Azevedo, bandeirante mordeno que aproximou São Paulo das estrelas”.

Nos meses finais de 1937, já começava a se desenhar a possibilidade de um golpe de Estado como o que deu início ao Estado Novo e, motivados, principalmente, pelo forte anticomunismo amplificado pelo Levante de 1935, integralistas se aproximam do governo federal para dar apoio a essa guinada autoritária que esmagaria os inimigos em comum entre Vargas e Salgado. Passam a acontecer, então, demonstrações de apoio e afeto dos integralistas ao governo, buscando fortalecer ligações entre integralistas e o poder constituído, pois “Aliar-se aos líderes do executivo nacional, nos projetos políticos ou nos planos golpistas, parecia ser a melhor, e mais sensata, opção no final do ano de 1937 para os integralistas” (HACKENHAAR, 2019, p. 94) ainda mais porque as chances efetivas de vitória nas eleições do ano seguinte não eram muito grandes e a possibilidade de um golpe integralista naquele momento também se mostrava inviável. Uniu-se, portanto, o fortíssimo anticomunismo do executivo nacional e dos integralistas com as dificuldades encaradas pela AIB para enfrentar o ano de 1938 da forma que o mesmo parecia se desenhar.

A primeira manifestação de apoio dos integralistas ao governo a ganhar destaque na *Anauê!* foi um desfile em homenagem aos heróis nacionais e ao Presidente Vargas, esse desfile foi apontado como “uma decisão popular no sentido da construção brasileira. Elle é um marco do novo caminho que se abre para o Brasil” (*Anauê!*, nº 22, dez., 1937, p. 19). Pode-se inferir dessa passagem uma clara referência de apoio ao golpe e aos novos rumos que o Brasil deveria tomar, nos quais os principais dirigentes integralistas pretendiam estar inseridos com o devido poder de decisão. Na prática, “não se pode afirmar que os integralistas, de uma maneira geral, apoiaram o golpe de Estado que levou ao regime estadonovista” (HACKENHAAR, 2019, p. 95), mas a revista tenta fazer parecer que todo o Integralismo e toda a população carioca abraçaram a manifestação em frente ao Palácio do Catete ao apontar que:

O povo percebeu naqueles homens que pisavam resolutos, naqueles passos que retumbavam como os proprios passos do destino brasileiro, que ali se exprimiam os seus anseios.

E o espetaculo magnifico da formidavel massa popular completamente integrada no memoravel desfile foi a plena adhesão do nosso povo á palavra de Plinio Salgado. Glorificado pela população carioca, que é uma fiel expressão do povo brasileiro, o integralismo já não pertence ás minorias populares, já não é privilegio de milhões de brasileiros, porque elle ficou pertencendo agora a todo o Brasil (*Anauê!*, nº 22, dez., 1937, p. 19).

Essa mesma perspectiva das aspirações integralistas e getulistas representarem a totalidade nacional aparece na segunda menção honrosa ao governo federal e a pessoa de Getúlio Vargas. Neste segundo artigo, comenta-se sobre as comemorações do sétimo

aniversário da chegada de Vargas ao poder e realça-se a presença do importante teórico e líder integralista Miguel Reale no evento. Ao descrever as falas dos diferentes oradores, a revista indica que “Representantes das entidades básicas do nosso nacionalismo vieram demonstrar de público que o seu apoio ao Presidente da República se exprime o sentimento de todo o país na repulsa destemerosa ao imperialismo russo” (*Anauê!*, nº 22, dez., 1937, p. 62). Nesse trecho, além da apresentação de discursos de atores políticos ligados ao governo Vargas como expressão da vontade popular, se escancara a importância do anticomunismo e do medo de ataques estrangeiros para a aproximação da AIB ao governo federal.

Percebe-se, assim, que o último dos heróis nacionais da AIB, mesmo tendo sido inimigo dela em muitos momentos por suas alianças com liberais e mesmo que tenha traído os integralistas depois do golpe, não escapa da mentalidade maniqueísta e evolucionista da filosofia da História integralista. Vargas, por seu combate ao comunismo e pelas intenções políticas de líderes integralistas de se integrarem ao Estado Novo, ganha espaço nas páginas da AIB ao lado de nomes como Tiradentes e Duque de Caxias, deixando claro o papel partidário da *Anauê!* que talvez não tenha sido explorado neste trabalho até o presente momento com o destaque que o tema merece. A imprensa integralista servia como canal de ideias dos dirigentes para seus militantes e leitores, além de fazer média com o Governo Vargas, esses dois artigos também pretendiam apresentar aos integralistas comuns essa tentativa de aproximação.

Capítulo 3 – Os Mártires do Integralismo

Neste último capítulo, o conjunto de fontes a serem analisadas reúne artigos e fotografias, com suas respectivas legendas, que prestem homenagem àqueles heróis que, das mais variadas formas, tenham perdido sua vida na luta pelo Integralismo. Além dos próprios militantes da AIB que, porventura, acabaram falecendo, também se incorporou ao conjunto os artigos que versaram sobre os soldados brasileiros que morreram em combate ao comunismo, pois – como será analisado mais adiante – a construção destes como heróis pela *Anauê!* está mais próxima dos mártires do próprio Integralismo do que dos heróis estudados nos dois capítulos anteriores.

3.1 Explorando quantitativamente o material:

O último grupo de fontes deste trabalho é também o mais enxuto deles. Contando com apenas seis artigos, um conto e três fotos, distribuídos em sete números diferentes da *Anauê!*. Esses heróis que derramaram o seu sangue pela pátria e pelo Integralismo têm uma função primordial na consolidação da doutrinação ideológica integralista em sua imprensa. Além de serem exemplos de uma espécie de máximo sacrifício em nome da causa e do Brasil, a apresentação desses heróis também é utilizada como uma espécie de canonização dos mesmos e de reforço do sentido cristão e religioso do Integralismo.

Para construir essa relação entre política e religião, abundam textos na *Anauê!* que associam ideias, práticas e figuras integralistas com passagens bíblicas ou ideais católicos. Não coube, neste trabalho, estudar esses artigos, pois não se encaixaram nos conjuntos de fontes definidos para estudar heróis nacionais e a construção da história do Brasil. Porém, um desses excertos, presente no quinto número da revista, ajuda a elucidar a relevância dos mártires para o Integralismo e como a reverência a eles está associada à divinização da AIB:

“O sangue dos martyres foi a semente da Igreja”. Onde tombava um christão, surgiam mil!

O sangue dos martyres da Revolução Integralista, cahindo nesta terra abençoada, fertilizou-a de tal sorte que se tem hoje a impressão de que brotam diariamente do solo, aos milhares, os novos companheiros que vêm tomar o lugar dos que se foram”

Foi a perseguição que deu maior impulso ao Christianismo. Foi a campanha inigua movida contra nós que enrijeceu a fibra e fez da Acção Integralista Brasileira esta potencia invencivel que ahi está (*Anauê!*, nº 5, dez., 1935, p. 3)!

Os mártires, portanto, são apresentados como os que fertilizam a terra para que se possam crescer novos militantes. Através do sofrimento e da penitência os integralistas pretendiam crescer como os cristãos na Roma Antiga. Neste capítulo se estudará como esses louvados sacrifícios se relacionam com as bases ideológicas da AIB. Para isso, mais uma vez, se dividiu o conjunto maior de fontes em categorias menores.

Quadro 6: Distribuição geral dos mártires do Integralismo (seis artigos, um conto e três fotos¹⁶)

¹⁶ Estão presentes na *Anauê!* cinco fotos de militantes integralistas assassinados por inimigos do partido, todavia, três delas estão presentes na nona página do nº 2, contando com apenas uma legenda e sendo apresentadas como parte de um todo maior. Sendo assim, elas foram reunidas como uma única fonte e, para a contabilização, contam como apenas uma foto.

<i>Mártires</i>	<i>Recorrência</i>	<i>Porcentagem arredondada</i>
Militantes assassinados	Três artigos, um conto e três fotos	70%
Secretário municipal falecido	Um artigo	10%
Soldados do Levante	Dois artigos	20%

A primeira categoria reúne algumas das homenagens feitas pelos integralistas aos seus militantes que morreram em confronto com inimigos da AIB, marcando a sua notoriedade histórica através do sacrifício em nome da ideologia e de tudo que ela representava. Ela reúne o maior número de artigos e fotos (além de ser a primeira categoria dentro de todo o trabalho a incorporar um conto ficcional) em função do papel essencial que esses mártires da AIB tinham para a divulgação dos valores integralistas. Mais adiante, pretende-se uma análise a partir de dois vieses distintos, mas complementares, sobre esses heróis, entendendo-os como grandes exemplos e bastiões morais do Integralismo e como instrumentos para instigar o anticomunismo, o ódio e o medo.

As outras duas categorias são instrumentalizadas em um sentido parecido ao dos militantes assassinados, cada uma a sua maneira. A segunda conta com apenas um artigo sobre um secretário do partido que acabou morrendo por causas naturais e ganhou uma página em respeito à sua memória na *Anauê!*. Essa página foi utilizada para também instigar o amor dos integralistas ao partido e à causa pela qual todos deveriam lutar a partir do uso da figura desse líder falecido como exemplo a ser seguido – partindo da mesma lógica que Batista (2006) aponta em sua dissertação. É nesse aspecto que o artigo se aproxima da primeira categoria, mas não é possível inseri-lo nela porque o herói em questão não foi assassinado e, por isso, não é possível instrumentalizar o ódio aos inimigos da AIB e o discurso de perigo iminente que o Brasil estaria vivendo de ameaças estrangeiras.

A última categoria acaba sendo uma espécie de “antítese” da segunda categoria, pois se afasta da primeira justamente onde a outra se aproxima e vice-versa. Os heróis em questão são os soldados que morreram durante as operações que reprimiram o Levante Comunista de 1935¹⁷ e a sua importância inquestionável passa pelo combate ao comunismo e a defesa do

¹⁷ O Levante Comunista de novembro de 1935 “tratou-se de uma tentativa armada dos comunistas de tomarem o poder [no Brasil], a qual, uma vez bem sucedida, poderia ter provocado grandes transformações na organização social brasileira” (SÁ MOTTA, 2002, p. 190). Esteve associada ao fortalecimento do PCB na década de 1930 com a liderança do ex-militar Luiz Carlos Prestes e à formação da Ação Nacional Libertadora (ANL) que se posicionava contra o crescimento do fascismo no Brasil. A tentativa fracassada ficou conhecida como Intentona Comunista e seus acontecimentos “têm uma importância marcante na história do imaginário anticomunista brasileiro, na medida em que foram apropriados e utilizados para consolidar as representações do comunismo como fenômeno essencialmente negativo” (SÁ MOTTA, 2002, p. 192).

Brasil contra os interesses e as influências vindas do estrangeiro. Entretanto, não é possível encará-los como mártires integralistas propriamente ditos porque eles não eram militantes da AIB e, por isso, o uso deles como modelos ideais de militantes que deveriam ser seguidos pelas fileiras do Sigma não é possível. A *Anauê!* consegue associar os seus sacrifícios ao Integralismo e à luta pela implementação do Estado Integral, mas seguindo um caminho diferente das outras fontes a serem analisadas.

3.2 Os heróis que barraram o Levante Comunista:

Os dois artigos publicados sobre os soldados falecidos durante o Levante Comunista de 1935 foram publicados no vigésimo número da *Anauê!* de outubro de 1937 e traziam consigo um tom memorialista de respeito pelo aniversário da repressão aos comunistas que completaria dois anos no mês seguinte. Esse número acabou sendo o antepenúltimo da revista e já estava inserido em um novo contexto político em que se desenhava o golpe do Estado Novo¹⁸ que seria implementado em pouco tempo.

Analisando o aumento do anticomunismo nos últimos meses de funcionamento da revista, Rodolfo Fiorucci aponta que “com a devida distância temporal, é possível compreender que aquelas edições de *Anauê!* eram um prenúncio do golpe e do apoio integralista, criando o clima de tensão necessário” (FIORUCCI, 2014, p. 232). A escolha de se homenagear representantes do Estado brasileiro em função de feitos ligados à causa que unia Salgado e Vargas – o anticomunismo – não pode ser desconectada desse contexto de aproximações entre integralistas e governo federal. Mas ela não pode ser reduzida apenas a um flerte dos integralistas apontando para o presidente o interesse em apoiar o golpe anticomunista que se concretizaria a seguir.

Como já foi trabalhado anteriormente, o anticomunismo e a monumentalização e respeito aos grandes heróis nacionais são características importantes da ideologia integralista e aparecem com frequência nas fontes analisadas. Sendo assim, é preciso entender que homens

¹⁸ Getúlio Vargas chegara ao poder através da chamada “Revolução de 30” em oposição às oligarquias paulistas, contudo, não viu seu poder se consolidar como gostaria em função de processos como a “Revolução Constitucionalista” e a promulgação de uma Constituição com fortes influências liberais em 1934. Através do endurecimento de seu regime a partir da repressão ao Levante Comunista e da consolidação do Golpe do Estado Novo com a imposição de uma “nova carta constitucional, baseada na centralização política, no intervencionismo estatal e num modelo antiliberal de organização da sociedade” (PANDOLFI, 1999, p. 10). Com isso, o Congresso Nacional foi fechado, foram extintos os partidos políticos, a força política se concentrou no poder executivo – sustentado pelo Exército Nacional – e “Getúlio Vargas consolidou propostas em pauta desde outubro de 1930, quando, pelas armas, assumiu a presidência da República” (PANDOLFI, 1999, p. 9). Então, a partir do golpe, instaura-se um regime que “caracterizou-se como um governo centralizado, autoritário, corporativista, intervencionista, antiliberal, anticomunista, elitista, tecnocrático, voluntarista e nacionalista” (HACKENHAAR, 2019, p. 96).

que morreram em combate ao comunismo, mesmo que não fizessem parte da AIB, receberiam bastante atenção e reverência dos integralistas de qualquer forma, mas talvez não chegassem a ganhar duas páginas inteiras a seu respeito na principal publicação do partido.

Sendo assim, pode-se dizer que a presença dos artigos que aqui serão analisados no nº 20 da *Anauê!* não se resume às íntimas relações que se desenhavam entre integralistas e o governo federal, nem muitos dos elementos principais desses dois textos. Entretanto, acaba sendo praticamente impossível analisar esses elementos separadamente, pois aquilo que se cultua nesses heróis do exército que faleceram defendendo o Brasil está relacionado com as aproximações entre Getúlio Vargas e Plínio Salgado que possibilitaram a cooperação entre os dois para o desenvolvimento do golpe do Estado Novo (FIORUCCI, 2014, p. 232). Mesmo que não se pretenda neste capítulo analisar exaustivamente essas ligações e como elas se construíram nesses dois artigos, fazê-lo acaba se tornando indispensável para entender o papel desses mártires e o culto em torno deles.

O primeiro dos artigos apresenta a reverência aos grandes homens do passado (mesmo que recente, no caso) logo a partir de seu título “Não! O Brasil não esquece!”. No decorrer do texto, explicita-se novamente a importância de não se esquecer do enorme sacrifício realizado pelos soldados brasileiros, pois “Dois annos de sobresaltos não puderam apagar a legenda daquellas sepulturas ensanguentadas” (*Anauê!*, nº 20, out., 1937, p. 7).

Além disso, o risco do perigo estrangeiro – encarnado pelo comunismo nesse caso – ameaçando o Brasil também é reavivado, apontando que “Os que não estão cegos ainda enxergam, no minuto da noite que nos envolve, a sombra das mãos assassinas que se ergueram ao luzir dos punhaes para ceifar a vida dos soldados da Patria, nas horas de somno” (*Anauê!*, nº 20, out., 1937, p. 7). E é na hora de pensar em alternativas para enfrentar os perigos desses inimigos covardes que atacam até durante o sono dos oponentes que os integralistas se apresentam como solução para os problemas enfrentados pela nação. Todavia, dessa vez já é possível perceber um possível aceno ao governo federal, pois, no último parágrafo, não é apenas o Sigma que surge como protetor do Brasil:

Porque quando novas famílias estiverem para ficar sem os seus chefes, quando o communismo quizer bombardear de novo os nossos quartéis, quando a inconsciencia de parlamentares e de agentes estrangeiros quizer espalhar de novo a sangueira e o odio, – na defesa das tradições christãs do Brasil, então, não mais á beira das sepulturas, nem ao clarão das velas funerarias, mas no fundo das trincheiras, á luz das fuziladas, cobertos pela mesma bandeira elles se encontrarão de novo, – os *Soldados*, os *Marinheiros*, os *Camisas Verdes* (*Anauê!*, nº 20, out., 1937, p. 7)!

Os integralistas não perdem o seu protagonismo como defensores da pátria contra os ataques do comunismo, porém, outras instituições do Estado passam a ser apresentadas como aliadas dessa luta. A partir da eleição de um inimigo central, a *Anauê!* consegue promover as ideias do seu movimento como solução para o combate aos inimigos do país e apontar uma possível aliança com as Forças Armadas.

Essa ideia de associação entre Integralismo e Exército nacional também está presente no segundo artigo do nº 20 sobre os mártires do Levante Comunista. Diferente do texto anterior, este se apresenta como um relato sobre a homenagem feita pelo exército brasileiro aos seu falecidos durante o Levante. Essa manifestação de respeito aos mortos é apoiada pelo texto e já fica claro como os integralistas valorizam os sacrifícios em nome da pátria, os mártires são apresentados como “Os ascetas dos sacrificios integraes pela Nacionalidade. Eram os defensores da honra dos lares, os mantenedores de nossa soberania. Os militares do Brasil!” (*Anauê!*, nº 20, out., 1937, p. 52).

A morte em nome da pátria e da defesa contra os interesses internacionais aparece, mais uma vez, como um feito nobilíssimo e o culto a essas figuras não poderia passar em branco pelos integralistas que, segundo o artigo, compuseram 95% da massa de civis que participaram da cerimônia. Pouco importa quantos integralistas de fato estiveram no tal evento (é bastante óbvio que o número não deve ter sido nem próximo do apontado) e sim a preocupação em mostrar aos leitores o quanto os integralistas estão envolvidos e preocupados com a defesa do país, mesmo que isso signifique saudar o exército e o Presidente da República.

Para articular essa presença integralista em uma manifestação oficial do Estado brasileiro, novamente, se apresenta a ameaça vermelha como um perigo real que espreitava maliciosamente o país, principalmente, porque ninguém mais se preocuparia de fato com o respeito aos heróis nacionais e com o combate aos inimigos da pátria:

É preciso que a Nação saiba que vive uma hora gravissima de perigo. Porque numa capital de quasi dois milhões de habitantes, na qual multidões costumam passar uma noite em vigília, á beira das estradas para assistir corridas de automoveis, os heroes que morreram para defender as famílias foram glorificados por pouco mais de uma dezena de milhar de civis dos quaes 95 por certo eram Integralistas (*Anauê!*, nº 20, out., 1937, p. 52).

Dado que, para os integralistas, a ameaça comunista está sempre perto e que a população não se engaja da forma que deveria no combate a esse risco, o artigo apresenta a associação entre Integralismo e exército como uma das únicas possibilidades de defesa para a nação. Os soldados mártires acabam sendo incorporados aos heróis do Integralismo em função do inimigo

e do objetivo em comum e, a partir da celebração do sacrifício desses homens, se estabelece, no último parágrafo, o pacto de cooperação, por parte da AIB:

Fique a Nação sabendo, por fim, que esses integralistas [que participaram da homenagem] constituem a parte consciente, esclarecida, vigilante, votada ao sacrifício, unida às Forças Armadas. Fique tranquila a Nação porque esses civis não foram fazer fita. Eles adoptaram, firmemente, como orientação, as palavras do representante do Exército, general Newton Cavalcanti. Pesaram e mediram as palavras do sr. presidente da República. E juraram que jámais se separarão das Forças Armadas, que desejam cultuar, honrar, confortar, assim como ajudar, na hora em que a honra nacional exigir que se salve com tempo a dignidade de um Povo (*Anauê!*, nº 20, out., 1937, p. 52).

O culto aos homens assassinados pelo comunismo e pelo interesse de Moscou no território brasileiro se entrelaça com a construção feita pelos integralistas sobre seus heróis, não diferindo tanto de muitas figuras analisadas previamente. Eles ganham especial destaque por seu sacrifício e pela importância que os integralistas davam a esse tipo de atitude em função da moral católica que exercia influência nas ideias de Salgado e de todo o movimento. Nesse sentido, eles se aproximam dos mártires da própria AIB que também derramaram o seu sangue em nome da nação e na luta contra as influências nacionais. Mas não alcançam o mesmo destaque porque a sua instrumentalização está muito mais ligada ao jogo político da segunda metade de 1937 que uniu interesses do Presidente da República e do Chefe Nacional (HACKENHAAR, 2019, p. 91-92). Sendo assim, não é necessário dar nome a qualquer um dos soldados mortos, eles funcionam como uma grande massa sem rosto que representa todo o Exército, muito diferente do que se fez com os mártires da própria AIB.

3.3 Os mártires como exemplos e a Milícia do Além:

Para alcançar o maior número de militantes possíveis e impulsionar o envolvimento dos mesmos dentro das filas do partido, os integralistas se utilizavam muito de discursos inflamados que apelavam para os sentimentos dos seus militantes, fazendo com que a política não fosse algo puramente racional ou lógico. Rafael Athaides (2012) em sua tese de doutorado, estudou o uso desses mecanismos mais sentimentais na consolidação do Integralismo enquanto uma ideologia fascista. Nesse estudo ele aponta que “ao contrário das democracias, os fascistas não queriam domesticar as paixões, queriam insuflá-las, desejavam excitar as massas, trazê-las para o espaço público e torná-las sedentas para levar ao último nível suas pulões mais recônditas” (ATHAIDES, 2012, p. 48).

Alguns exemplos dessas paixões inflamadas pela AIB são o fortíssimo apelo religioso ligado ao conservadorismo moral cristão e o anticomunismo como uma forma de defender o país e suas tradições das influências malélicas do estrangeiro. Os heróis analisado nos dois últimos subcapítulos deste trabalho estão intimamente ligados a esses dois sentimentos e são instrumentalizados para impulsionar o engajamento dos militantes da AIB através do que o historiador Pedro Ernesto Fagundes vai chamar de necrofilia política em artigo publicado em 2012.

Este primeiro subcapítulo dedicará o seu foco aos elementos ligados ao respeito aos mártires integralistas e à sua utilização através do apelo religioso e do culto aos heróis dentro do Integralismo enquanto o segundo se concentrará nos elementos mais ligados ao anticomunismo. O conjunto de fontes a serem analisadas será o mesmo para as duas partes do capítulo (três artigos, um conto e três fotos), mas a análise do mesmo se dará por esses diferentes vieses, resultando em compreensões distintas e complementares sobre a presença dos mártires integralistas na *Anauê!*.

A primeira aparição de militantes integralistas assassinados por inimigos do partido se dá logo no segundo número da revista de maio de 1935 e nesse conjunto de três fotos e sua legenda (catalogadas como uma foto única no registro quantitativo das fontes, como já foi apontando) estão reunidos alguns dos elementos centrais para a consolidação desses homens enquanto heróis. Começando pela preocupação em nomear cada um dos falecidos e de apresentar um retrato de cada um deles – incluindo um pedido de desculpas por não ter sido possível veicular a foto de um dos mártires, pois eram quatro os homenageados, mas só foi possível ter acesso a três fotografias – o que já marca uma diferença primordial com relação aos soldados analisados no subcapítulo anterior que formavam uma massa sem rosto.

Além disso, a legenda apresenta um conteúdo marcado por profundo respeito aos falecidos e aponta que sua morte não foi em vão porque seu “sangue regou o sólo bendito da Patria, produzindo tantas centenas de milhares de novos companheiros” (*Anauê!*, nº 2, mai., 1935, p. 9). Essa visão está diretamente ligada à relação construída entre o sacrifício no cristianismo e o crescimento da religião que foi apresentada no começo do capítulo em um artigo publicado posteriormente na *Anauê!*. Também na mesma se legenda se aponta que os falecidos passariam a incorporar, agora, a Milícia do Além, uma ideia de pós vida construída pela AIB de que “ao morrer, o integralista continuaria servindo ao partido, só que, agora, com algumas peculiaridades: o espaço de organização do *post mortem* seria a chamada Milícia do Além. Seu comandante seria ninguém menos que Deus” (FAGUNDES, 2012, p. 898). A morte

em nome do partido torna-se, assim, algo positivado pela ideologia. O militante, ao sacrificar-se, abria caminho para o crescimento das fileiras do Sigma e, ainda por cima, teria a chance de continuar sua luta no Paraíso com seu próprio Senhor.

Figura 7



Anauê!, nº 2, mai., 1935, p. 9.¹⁹

Através da criação de uma espécie de panteão de mártires, expressão usada por Fagundes (2012), a imprensa integralista – e a *Anauê!* nela inserida – se preocupava em instigar o amor dos militantes ao partido se utilizando desse forte discurso religioso de recompensas pela militância. A apresentação desses mártires também servia para que eles fossem “verdadeiros modelos perfeitos de militantes” para fortalecer “a noção de morte sacrificial como modelo a ser seguido pelo conjunto da militância” (FAGUNDES, 2012, p. 901). Essa importante noção de “modelos perfeitos” sustenta-se, fundamentalmente, na concepção de herói de Plínio Salgado apresentada por Batista (2006). Tal qual os grandes vultos do passado, os heróis integralistas do presente também se apresentam como um exemplo moral de comportamento para a formação dos militantes e o sacrifício máximo da morte em nome do partido acaba sendo o objetivo final mais valorizado pela AIB.

¹⁹ Lê-se na legenda: “Aos que sucumbiram na defesa do ideal, aos nossos martyres gloriosos cujo sangue regou o sólo bemdito da Patria, produzindo centenas de milhares de novos companheiros, a commovida homenagem da revista ‘Anauê!’. Não nos chegou ás mãos a photographia de Jayme Guimarães, morto barbaramente no conflito da Praça da Sé, em S. Paulo; aliás, transferido para a Milicia do Além, porque no Integralismo ninguém morre: os que tombam a serviço da Patria viverão eternamente no coração dos camisas-verdes”.

Em um artigo publicado no décimo número da *Anauê!*, a relevância dada pelos integralistas ao ato de entregar sua vida em nome do país e da Revolução Integral se evidencia ainda mais. Depois de narrar a ocasião do assassinato do jovem militante, o texto afirma que “Fôra elle a feliz victima, fora elle que tivera a grande ventura de ser o primeiro, no Espirito Santo, a derramar seu sangue pela grandeza do Brasil” (*Anauê!*, nº 10, mai., 1936, p. 10). Morrer em nome da pátria e do Integralismo se mostra, mais uma vez, uma honra para o falecido e algo a ser invejado pelos companheiros.

Nessa mesma página, também são apresentados feitos desse mártir que devem servir de exemplo de militância para todos aqueles que continuam na vida terrena lutando pelos mesmos ideais que ele. Em seus últimos suspiros, o moribundo teria pedido que erguessem o seu braço para que pudesse “meio erguido do leito, olhando para o infinito, n’uma voz forte e vibrante, com espanto de todos, brada[r] firme: ‘AO CHEFE NACIONAL! ANAUÊ, ANAUÊ, ANAUÊ!!!’” (*Anauê!*, nº 10, mai., 1936, p. 10). Depois desse último esforço, o herói teria tombado morto, espantando todos os presentes com seu imensurável amor ao partido. E a presença dessa passagem deixa claro o recado de que todos os militantes deveriam ter igual postura e aproveitar para exercê-la o máximo possível nas batalhas terrenas antes de se juntar aos milicianos celestes.

Esse tipo de discurso apresentando os mortos como exemplos se refletiu até mesmo no único texto sobre um militante que morreu por causas naturais. A homenagem ao secretário municipal de organização política do Núcleo Integralista de Piracicaba apresenta o homenageado (Eugenio Zanirato Filho) como alguém que não trepidou em se alistar às fileiras do Sigma e a “cooperar para a realização do mais sublime ideal” (*Anauê!*, nº 9, abr., 1936, p. 12). Apresentando um tom mais carinhoso e informal do que o comum, – talvez pela relevância interna de Eugenio enquanto liderança regional – o texto invoca a força divina para afirmar que a partida do militante não se dá em vão, afirmando: “da mansão celeste onde estás, Geninho, não deixarás por certo de pedir a Jesus pela victoria dos teus irmãos” (*Anauê!*, nº 9, abr., 1936, p. 12). O canal de ligação entre integralistas e Deus se escancara de novo e mostra que ele, possivelmente, não se trata apenas de um instrumento político para aumentar o engajamento dos militantes, mas talvez seja uma forma dos militantes lidarem com o próprio luto em função de seu forte catolicismo. Da forma que for, é possível perceber a posituação das figuras integralistas após suas mortes, principalmente se ela se deu de forma dramática e em combate contra os inimigos do Sigma.

3.4 – O discurso anticomunista na apresentação dos mártires integralistas:

Para encerrar este último capítulo do trabalho, o tema central a ser estudado a partir dos artigos, fotos e contos em homenagem aos mártires integralistas é o anticomunismo presente neles. Essa perspectiva é imprescindível para a compreensão dessas fontes, da AIB e de sua imprensa porque “um dos temas mobilizadores de maior afetividade entre os integralistas era o anticomunismo”, sendo assim, “usar a ideologia moscovita como símbolo do mal e do perigo era algo eficaz para amearhar coração e mentes” (FIOURCCI, 2014, p. 235-236). A partir da utilização do ódio aos vermelhos – que já tinha um apelo popular muito forte e inegável até mesmo fora da AIB –, facilita-se o uso do sentimentalismo para alcançar os militantes.

Nas páginas anteriores foi estudado como as emoções eram usadas pela *Anauê!* através de um prisma positivo enquanto exemplo de militância e possibilidade de luta em nome dos ideais integralista no *post mortem*. Neste subcapítulo, o uso desses sentimentos está mais ligado aos “múltiplos direcionamentos de ódio social nos fascismos [que] podem ser entendidos como uma racionalização, ou instrumentalização, da revolta coletiva contra as condições impostas pelas ações dos indesejáveis” (ATHAIDE, 2012, p. 55). Dentro da leitura de mundo maniqueísta do Integralismo, baseada na visão de Salgado, o mundo está dividido entre materialistas e espiritualistas e são os primeiros as causas de todo o mal que existe no mundo. Para a produção da imprensa integralista, os comunistas são eleitos como principais representantes do materialismo e, sendo assim, são os “indesejáveis” que criam as péssimas condições em que o Brasil se vê obrigado a existir e também são aqueles que ameaçam eternamente a soberania nacional e a vida dos militantes da AIB.

Esse anticomunismo se reflete na necessidade de indicar a participação dos vermelhos em praticamente todas as homenagens aos mártires, nem que seja em uma breve passagem como foi o caso do artigo presente no décimo número da *Anauê!* já analisado anteriormente pelo viés da reverência aos heróis:

Lá numa dobra (sempre nas dobras) da estrada, uma voz de alcoolatra se faz ouvir: ALTO! E’ parado caminhão. Nesse instante fatal, de dentro da mattaria verde que ali estava para enfeitar a passagem, embuçados e covardes, surgem os comunistas que iniciam tremenda fuzilaria contra aquelle pugillo de indefesos soldados da Patria (*Anauê!*, nº 10, mai., 1936, p. 10).

Mesmo que essa passagem não seja o foco central do texto, que está muito mais preocupado em exaltar o mártir e sua dedicação ao Integralismo, o autor se preocupa em apresentar os comunistas como covardes que atacam de sobressalto a partir de esconderijos.

Também chama a atenção o forte julgamento moral em torno da “voz de alcoolatra” que teria convocado os integralistas a pararem à beira da estrada. Ou seja, além de inimigos políticos com distintos projetos de país e de representarem interesses internacionais, os moscovitas se mostram traiçoeiros, depravados e uma antítese completa da moral cristã tradicional defendida por Salgado. A ameaça precisa transcender apenas ao risco físico de uma morte terrena – afinal os integralistas podem continuar lutando ao lado de Deus na Milícia Celeste – para o perigo comunista ganhar o peso real e necessário nas páginas da *Anauê!*.

Para apresentar o tamanho do risco das intervenções comunistas no território nacional e como elas eram maléficas aos brasileiros, até mesmo quando os assassinatos não foram protagonizados por comunistas são eles que ganham o peso da culpa. Isso aconteceu quando a *Anauê!* noticiou a morte de um militante seu na Bahia por parte da polícia baiana. Mesmo que a morte do militante tenha sido causada pelo estado baiano e, desde a repressão sobre o Levante de 1935, a repressão ao comunismo já era fortíssima sob o governo Getúlio Vargas, a morte do militante é colocada na conta do comunismo e da suposta influência bolchevique na Bahia.

Mas, na prática tal acusação não faz o menor sentido, pois a política de Vargas era marcada pelo anticomunismo e isso até causou as aproximações entre ele e os integralistas. Sendo assim, não existiria qualquer motivo para o presidente escolher como interventor no estado da Bahia um homem com ligações com o comunismo. Isso, portanto, evidencia como a imprensa verde se preocupava em associar todos os problemas enfrentados pelo partido e pelo país aos principais inimigos da AIB, sempre dando especial destaque aos comunistas enquanto representantes mais perigosos do materialismo.

Figura 8



Anauê!, nº 18, ago., 1937, p. 22.²⁰

Acabam sendo essas as principais características dos comunistas: sua covardia e sua quase onipresença, criada pela própria narrativa dos integralistas para, com isso, fortalecer o pânico social e abrir caminho para o crescimento de ideais extremistas de direita. Isso se reflete nos dois outros artigos dedicados aos mártires dos integralistas que, não por coincidência, foram lançados já nos meses finais de circulação da *Anauê!* quando o anticomunismo exacerbado da revista se intensifica no contexto da cooperação dos integralistas com o Golpe do Estado Novo (FIOURUCCI, 2014, p. 241).

O primeiro destes dois textos foi publicado no vigésimo número da *Anauê!* e era sobre “a tragédia da Praça da Sé” que fazia seu terceiro aniversário (ocasião em que se enfrentaram comunistas e integralistas e o confronto resultou na morte de alguns dos membros da AIB). Essa tragédia foi atribuída pelo texto inteiramente à “inominável covardia dos bolchevistas até então encapetados” (*Anauê!*, nº 20, out., 1937, p. 28) e ela teria sido uma das razões para que surgisse “uma outra força poderosa, com animo bastante, não só para irritar e descobrir como para esmagar definitivamente a hydra moscovita” (*Anauê!*, nº 20, out., 1937, p. 28).

O último dos artigos está presente justamente no último número da *Anauê!*, quando o apoio integralista ao presidente e ao golpe já estavam escancarados. Mais uma vez é denunciado um atentado realizado pelos inimigos da AIB e da nação e aponta-se que “Ficou patenteado novamente o desprezo que os communistas têm pela vida dos outros, não recuando diante dos

²⁰ Na legenda lê-se: “O ‘camisa-verde’ Fernando Andrade, assassinado em Maragogipe, Provincia da Bahia, em setembro de 1936, pelo destacamento policial commandado pelo Tte. José João de Carvalho, a serviço da politica bolchevizante do Sr. Juracy Magalhães”.

processos mais covardes afim de lograr os seus intentos criminosos. Diante da sua furia e destruição, caíram mais tres brasileiros” (*Anauê!*, nº 22, dez., 1937, p. 41). Reflete-se, pela última vez, a imagem de vilão construída pela *Anauê!* para os comunistas, eleitos como principais adversários a serem derrotados pela imprensa verde, e evidencia-se que a escolha e apresentação dos heróis da AIB está diretamente ligada à consolidação da ideologia do partido e a doutrinação dos militantes feita através das publicações.

Considerações Finais

Desde as primeiras publicações de Trindade, Chasin, Vasconcellos e Chauí, os estudos sobre Integralismo nas academias de ciências humanas brasileiras foram galgando seu espaço e respeito, crescendo bastante no século XXI. Com o crescimento acentuado da extrema direita no Brasil e em outros importantes países do mundo, a tendência é que o tema se torne cada vez mais vivo, relevante e procurado por pesquisadores, instigando o surgimento de mais estudos e interpretações.

Este trabalho pretendeu somar-se a esses estudos já consolidados e aos novos que devem surgir e trazer pautas e análises mais importantes e com maior qualidade do que foi desenvolvido neste extenso TCC. As conclusões e considerações finais aqui expostas não pretendem “reinventar a roda” nos estudos sobre a AIB e sobre fascismo no Brasil, mas espera-se que elas tenham sentido com a coesão interna do estudo desenvolvido e que ajudem a pensar a própria realidade brasileira em tempos de Bolsonaro, Olavo de Carvalho, Ustra amado como herói da pátria e (até mesmo) terraplanismo.

Os heróis presentes nos exemplares analisados da *Anauê!* estão inseridos na visão de mundo maniqueísta de Plínio Salgado e na compreensão dele sobre o problema da soberania nacional eternamente ameaçada por forças estrangeiras. Independentemente de qual dos três conjuntos de heróis construídos para a produção deste trabalho (Fundadores da Nação, Grandes Vultos e Mártires) se escolha para dissecar, a presença deles na revista não tem muitas condições de escapar dessa leitura de mundo marcada pela necessidade de se preservar a essência nacional e de combater os inimigos estrangeiros que tentam macular o Brasil verdadeiro. Mesmo em grupos de fontes e capítulos diferentes, Tiradentes, Duque de Caxias e os mártires da AIB são considerados heróis pelas mesmas razões: dedicar sua vida a defender o Brasil dos perigos exteriores, sejam esses perigos a influência portuguesa, o exército de Solano López ou os comunistas de Moscou.

Essa construção de mundo em que uma catástrofe está sempre à espreita e precisa ser combatida pelos heróis da pátria é um discurso muito contagiante e que consegue ter muito apelo em boa parte da população. A criação de pânico social e a identificação de inimigos mortais é uma prática que facilitou a expansão do discurso integralista pela sociedade brasileira e aliá-lo ao catolicismo e ao conservadorismo moral criou uma força de identificação nessa ideologia. O estudo dos heróis da AIB acaba, portanto, sendo mais uma forma de estudo da

própria constituição política do Integralismo e das principais lideranças que conduziam a produção dos principais veículos de imprensa integralistas.

Quando este trabalho começou a ser elaborado ainda em seu projeto de pesquisa na disciplina de Metodologias da Pesquisa em História com a professora Mara Rodrigues em 2019/1, imaginava-se uma possibilidade de pesquisa bem mais ligada à Teoria da História e de conceitos que escapam mais da História Política. Todavia, agora é possível perceber que afastar-se dessa perspectiva acabou sendo positivo para este trabalho, pois, nas publicações doutrinárias que marcaram bastante o conteúdo da *Anauê!*, as intenções das lideranças integralistas estavam mais ligadas à construção e apresentação da ideologia e de padrões políticos e comportamentais dos militantes do que pensar em experiência do tempo para os integralistas, por exemplo. Certamente teria sido possível e muito interessante produzir um trabalho a partir dessas perspectivas que acabaram sendo deixadas de lado dessa vez, mas escolhas precisam ser feitas.

Muitos discursos utilizados pelos integralistas para justificarem a si próprios através de seus heróis nacionais continuam tendo ecos no Brasil do século XXI, em especial depois do Golpe de 2016. O eterno risco de influências estrangeiras continua forte na extrema direita, o militarismo refletido na escolha de membros das Forças Armadas como grandes heróis parece ainda mais forte depois da ditadura militar e a definição de inimigos como alvos a serem eliminados para libertar o país de seus problemas também mantém a sua força. Talvez esse trabalho nunca ultrapasse os muros da academia, afinal, ele foi escrito enquanto uma conclusão de curso e uma primeira experiência científica para seu autor e tinha alguns padrões a serem cumpridos e exigidos. Todavia, as reflexões sobre fascismos, o Integralismo e a extrema direita de um modo geral não podem viver apenas em diálogos internos.

A produção desta pesquisa no Brasil de 2019 se provou não apenas um grande esforço acadêmico e intelectual, mas também um desafio psicológico. Estudar os discursos anticomunistas de extrema direita veiculados pela *Anauê!* e sua aplicação à escolha de heróis mostra-se algo muito próximo da nossa realidade quando se percebe que os discursos veiculados nos tempos atuais não se distanciam tanto dessa mentalidade. O pânico social em torno de um suposto comunismo prestes a atacar o Brasil e destruir as tradições morais sobre as quais o país teria sido construído segue sendo instrumentalizado pela direita brasileira e exatamente por isso, pesquisar as diferentes origens desses discursos no Brasil e no mundo se mostra algo relevante e até urgente.

Bibliografia

ATHAIDE, Rafael. *As paixões pelo Sigma: afetividades políticas e fascismos*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: EDIÇÕES 70, 1977.

BATISTA, Alexandre Blankl. “*Mentores da nacionalidade*”: a apropriação das obras de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito por Plínio Salgado. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 11ª edição, 1998.

BRANDALISE, Carla. *O Fascismo na Periferia Latino-Americana: O Paradoxo da Implementação do Integralismo no Rio Grande do Sul*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru: EDUSC, 1999.

CAZETTA, Felipe Azevedo. *FÓRMULAS ANTIDEMOCRÁTICAS EM TERRAS LUSO-BRASILEIRAS: Análises em torno do Integralismo Lusitano e da Ação Integralista Brasileira (1914-1937)*. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

CLEZAR, Mateus de Souza. *Futebol e fascismo: como o fascismo italiano se manifestou no cálculo*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

FAGUNDES, Pedro Ernesto. “Morte e memória: a necrofilia política da Ação Integralista Brasileira (AIB)”. in *VARIA HISTORIA*, Belo Horizonte, vol.28, no 48, p.889-909: jul/dez 2012.

FIORUCCI, Rodolfo. *A trajetória da revista Anauê! (1935-1937): o jornalismo partidário e ilustrado da Ação Integralista Brasileira – a “netinha” que não cresceu*. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014

GELLNER, Ernest. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Lisboa: Gradiva, 1993.

GERTZ, René. “Pesquisas sobre o integralismo na década de 1970”. in SILVA, Giselda Brito (org.). *Estudos do Integralismo no Brasil*. 2ª edição, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

GOELLNER, Silvana Vilodre, SIMÕES, Renata Duarte. “Educação Física e esportes na Ação Integralista Brasileira: Hollanda Loyola e a educação do corpo” *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v.26, n.2, p.263-72, abr./jun. 2012.

GOIS JUNIOR, Edivaldo, LOVISOLO, Hugo R.. “A educação física e concepções higienistas sobre raça: uma reinterpretação histórica da educação física brasileira dos anos de 1930”. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto* [online], Porto, vol.5, n.3, pp.322-328, 2005.

GONÇALVES, Leandro Pereira. *Entre Brasil e Portugal: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português*. (Doutorado em História), Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

HACKENHAAR, Clayton. *O integralismo em Santa Catarina e a tentativa de golpe em março de 1938*. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

HOBBSAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990

KIMMEL, Michael S. “A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas”. *Horizontes Antropológicos* [online], Porto Alegre, vol. 4, nº 5, p. 103-117, out., 1998.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos. “*Perante o Tribunal da História*”: o anticomunismo da Ação Integralista Brasileira. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos. *Imprensa integralista imprensa militante*. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

PANDOLFI, Dulce. Apresentação. in *REPENSANDO o Estado Novo*. PANDOLFI, Dulce (Org.). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

PAXTON, Robert O. *A anatomia do Fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. “A Intentona Comunista” ou a construção de uma legenda negra. *Tempo*, Niterói, nº 13, jul., p. 189-207, 2002.

SANTORUM, Andrelise Gauterio. *Fascismo à brasileira: juventude e imprensa como instrumentos de doutrinação da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)*. Dissertação

(Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

SILVA, Dangelis Nassar da. *A interpretação do Brasil na Obra de Plínio Salgado (1926-1937)* Dissertação (Mestrado em História social), Universidade Estadual de São Paulo Campus de Marília, Marília, 2007.

SILVA, Rogério Souza. “A política como espetáculo: a reinvenção da história brasileira e a consolidação dos discursos e das imagens integralistas na revista *Anauê!*”. in *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 25, nº 50, p. 61-95, 2005.

TRINDADE, Hélió. *A tentação fascista no Brasil: imaginário de dirigentes e militantes integralistas*. Porto Alegre, Editora UFRGS, 2016.

TRINDADE, Hélió. *Integralismo (o fascismo brasileiro na década de 30)*. São Paulo, Difusão Europeia do Livro; Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974.

Obras de Salgado citadas

O que é Integralismo? 1933

O Sofrimento Universal 1934a

A Quarta Humanidade 1934b

Revistas utilizadas

Anauê!, Rio de Janeiro, nº 1, jan. 1935.

Anauê!, Rio de Janeiro, nº 2, mai., 1935.

Anauê!, Rio de Janeiro, nº 3, ago., 1935.

Anauê!, Rio de Janeiro, nº 4, out., 1935.

Anauê!, Rio de Janeiro, nº 5, dez., 1935.

Anauê!, Rio de Janeiro, nº 6, jan., 1936.

Anauê!, Rio de Janeiro, nº 7, jan., 1936.

Anauê!, Rio de Janeiro, nº 8, mar., 1936.

Anauê!, Rio de Janeiro, nº 9 abr., 1936.

Anauê!, Rio de Janeiro, nº 10, mai., 1936.

Anauê!, Rio de Janeiro, nº 11, jul., 1936.

- Anauê!*, Rio de Janeiro, n° 12, set., 1936.
Anauê!, Rio de Janeiro, n° 13, mar., 1937.
Anauê!, Rio de Janeiro, n° 14, abr., 1937.
Anauê!, Rio de Janeiro, n° 15, mai., 1937.
Anauê!, Rio de Janeiro, n° 16, jun., 1937.
Anauê!, Rio de Janeiro, n° 17, jul., 1937.
Anauê!, Rio de Janeiro, n° 18, ago., 1937
Anauê!, Rio de Janeiro, n° 20, out., 1937.
Anauê!, Rio de Janeiro, n° 21, nov., 1937.
Anauê!, Rio de Janeiro, n° 22, dez., 1937.